

LAURO JUNKES



A LITERATURA DE SANTA CATARINA

— Síntese Informativa —



Este livro é essencialmente informativo. Não pretende oferecer análises nem interpretação de obras literárias. Seu objetivo consiste em apresentar um panorama geral do desenvolvimento da literatura em Santa Catarina, através das várias escolas, estilos e gêneros literários, com seus principais escritores.

Cada escritor é enquadrado em sua época, vem acompanhado da indicação dos títulos dos seus livros e, na medida do possível, são indicados os gêneros que cultivava, as linhas fundamentais dos temas que aborda e características do seu estilo.

São mais de trezentos escritores a que são feitas referências. As informações fundamentais para vestibulandos, estudantes de 2º Grau, universitários e professores de literatura aqui estão reunidas. O livro fornece ainda subsídios para orientar leitores na escolha de livros para suas leituras. Esta síntese resultou de anos de pesquisa, análise e avaliação do que se produziu literariamente em Santa Catarina.

Lauro Junkes é licenciado em Letras, com Mestrado em Literatura Brasileira e em processo de Doutorado em Teoria da Literatura, além de Bacharel em Direito e Filosofia. É professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na UFSC, além de crítico literário. Há quinze anos dedica-se à pesquisa da literatura em Santa Catarina, lendo e analisando sistematicamente tudo o que tem sido produzido por escritores catarinenses. Crítico sempre atento, já leu e analisou mais de um milhar de livros catarinenses, comentados em centenas de artigos em jornais e revistas, prefácios e diversos livros, que se tornaram referência obrigatória em qualquer estudo sobre a literatura de Santa Catarina.

Entre seus livros principais figuram: *A narrativa cinematográfica* (1979); *Presença da Poesia em Santa Catarina* (1979); *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul* (1982); *O leão faminto* (1982); *O faro da raposa* (1983); *A canção das gaivotas*, de Virgílio Várzea (organização e estudo introdutório, 1985); *O mito e o rito — “uma leitura de autores catarinenses”* (1987); *Os melhores poemas de Luís Delfino* (organização e introdução — Editora Global - 1991).

LAURO JUNKES

A LITERATURA DE SANTA CATARINA

— Síntese Informativa —

LAURO JUNKES

Direitos de publicação reservados ao autor

FICHA CATALOGRÁFICA

L95 JUNKES, Lauro
A LITERATURA DE SANTA CATARI-
NA: Síntese informativa/Lauro Junkes.
Florianópolis: Ed. Autor/UFSC 1992
84 p.
CDU 869.0 (816.4)-09
CDD 869.09
1. Literatura catarinense: História e crí-
tica.

I. Título.

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO (CDU)

1. LITERATURA CATARINENSE: 869.0(816.4)-09
2. CRÍTICA LITERÁRIA: Literatura catarinense - 869.09
3. HISTÓRIA: Literatura catarinense - 869.909

Num lampejo, a luz se apagou.
O túnel se alongou interminável.
As trevas se adensaram opressivamente.
Reagir? Apelar? Clamar no desespero?
De frágil fiozinho invisível pende
o vago sentido de todas as coisas.

Instantâneo foi o ato acidental
e retorno qualquer é inviável.
O que era antes, já não existe mais,
apenas um outro, um outro a reconstruir-se.

Mas há luzes. Luzes vislumbradas.
Luzes que brilham, iluminam, aquecem.
Nas luzes há vida, há sentido.
As luzes abrem outro caminho.

Por sua luz, caminho, sentido...
Para Terezinha
Tatiana
Larissa
Lauro

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| SANTA CATARINA: FORMAÇÃO ÉTNICA E LITERATURA..... | 9 |
| 1. ROMANTISMO..... | 13 |
| 1.1. - Poesia..... | 14 |
| 1.2 - Ficção narrativa..... | 15 |
| 1.3 - Teatro..... | 16 |
| 2. REALISMO / PARNASIANISMO..... | 18 |
| 2.1 - Realismo..... | 18 |
| 2.2 - Parnasianismo | 19 |
| 3. SIMBOLISMO..... | 21 |
| 4. GERAÇÃO DE ACADEMIA..... | 24 |
| 4.1 - Poesia..... | 25 |
| 4.2 - Prosa..... | 26 |
| 5. MODERNISMO: DO GRUPO SUL AO MOVIMENTO LITORAL..... | 29 |
| 5.1 - Grupo Sul: Poesia..... | 29 |
| 5.2 - Grupo Sul: Prosa..... | 30 |
| 5.3 - Movimento Litoral..... | 32 |
| 6. ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS..... | 36 |
| 6.1 - O conto..... | 36 |
| 6.2 - Poesia..... | 43 |
| 6.3 - Romance..... | 61 |
| 6.4 - Literatura infanto-juvenil..... | 70 |
| 6.5 - A crônica..... | 76 |
| 6.6 - O ensaio crítico..... | 78 |

SANTA CATARINA: FORMAÇÃO ÉTNICA E LITERATURA

Sejamos ou não adeptos do determinismo, aceitemos como mais ou menos forte a dependência do produto cultural em relação ao meio ambiente no qual se origina, é fato inegável que a produção do espírito, a criação artística e, aqui, particularmente a literatura são produtos do homem. É o ser humano, com sua inteligência, sua sensibilidade, sua intuição, sua criatividade inventiva, quem dá origem à obra literária. Esta não é produto espontâneo que surge do nada. Mas, o homem também não é um ser de autonomia plena e sim condicionado. O homem é essencialmente um ser social, que vive em interação constante com seu meio ambiente histórico-social. Conseqüentemente, a produção literária nasce do homem que se enraíza na situação de um determinado tempo e lugar.

Então, se nos perguntamos por uma literatura de Santa Catarina, devemos antes perguntar-nos pela existência e caracterização de um homem catarinense: Como é o homem “catarinense” que produzirá uma literatura “catarinense”?

Já que se questiona a identidade cultural de Santa Catarina, ora com entusiasmo ora com pessimismo exagerados, convém pelo menos examinar sumariamente o que é e como se formou esse homem catarinense que está criando sua identidade cultural. Na impossibilidade, aqui, de uma análise mais profunda, será a seguir apresentado um quadro sucinto da formação histórico-étnica de Santa Catarina, para possibilitar uma idéia do que é o seu povo. Várias camadas populacionais se justapõem e, aos poucos, se entrecruzam, formando o homem “catarinense”.

Iniciemos verificando que pouco depois do descobrimento do Brasil, para efeito de facilitar o governo, esse gigante foi dividido em Capitânicas Hereditárias, cabendo a região do Rio de Janeiro para o sul a Martim Afonso e Pero Lopes de Souza. A parte hoje correspondente a Santa Catarina foi doada a Pero Lopes de Souza que, dizem, não ter chegado a tomar posse de sua Capitania. Só mais de cem anos depois iniciar-se-ia uma lenta povoação dessas terras.

Aqui entra o primeiro contingente formador do povo catarinense: os bandeirantes paulistas. Fundaram eles várias colônias, iniciando pelo norte com São Francisco do Sul, fundada por Manoel Lourenço de Andrade em 1642/45 ou 1658. Em seguida, Francisco Dias Velho deu início à povoação de Nossa Senhora do Desterro, em 1673/75, na Ilha de Santa Catarina, que se tornou capital da província e permaneceu com o nome de Desterro até a revolução anti-florianista de 1893, quando o Marechal de Ferro mandou executar sumariamente dezenas de opositores e, em seguida, foi homenageado com a mudança do nome da cidade para Florianópolis. Ainda mais ao sul, por volta de 1676 foi fundada por Domingos de Brito Peixoto a vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Liga-se ainda aos bandeirantes paulistas a fundação da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, por Antônio Corrêa Pinto, em 1766, como proteção militar no “Caminho das tropas” que levavam o gado do Rio Grande do Sul a São Paulo.

Mas a Província desenvolvia-se lentamente, com baixa densidade populacional, restrita à faixa litorânea. Então o Brigadeiro Silva Paes, que esteve à testa do governo da Província de 1739 a 1748, após ter garantido (?) a segurança com a construção de várias fortalezas, sobretudo na Ilha de Santa Catarina, solicitou ao Rei de Portugal auxílio para ampliar a população. Coincidiu que na época o Arquipé-

lago dos Açores se encontrasse superpovoado e foi organizada a migração de açorianos para Santa Catarina. Em cinco grupos de imigrantes, entre 1748 a 1756, devem ter vindo cerca de umas seis mil pessoas, que se localizaram na Ilha de Santa Catarina e na faixa continental vizinha: São José, São Miguel, Enseada do Brito, Paulo Lopes, Garopaba, Vila Nova e, depois, Porto Belo até Itajaí. Era gente simples, sem muita cultura nem bens, que implantaram aqui a cultura da pesca e da mandioca (pirão com peixe). (Veja-se a literatura em torno do povoamento açoriano criada por Virgílio Várzea, Almiro Caldeira, Flávio José Cardozo, Othon d'Eça, Franklin Cascaes e mesmo em parte Salim Miguel e Emanuel Medeiros Vieira).

Entretanto, o povoamento ainda se restringia à faixa litorânea. Então organizou-se outra imigração, desta vez da Alemanha, também na época muito povoada. Um primeiro grupo veio em 1829, de maneira não muito organizada, fixando-se na Colônia São Pedro de Alcântara, no Município de São José, expandindo-se depois para Antônio Carlos, Angelina, Taquaras, Águas Mornas. Alguns anos depois, em 1850, o Dr. Hermann Blumenau organizou e administrou outro grupo de imigrantes selecionados, dando início à próspera colônia de Blumenau, expandindo-se os imigrantes para Itajaí, Brusque, Vale do Itajaí em geral até Rio do Sul. Logo em seguida, em 1851, foi organizada ainda outra imigração alemã, agora para a Colônia Dona Francisca, em Joinville, dote da princesa Francisca Carolina (filha de D. Pedro I e casada com o Príncipe francês de Joinville). Ampliou-se, com o contingente germânico, a interiorização do povoamento. Na literatura, o tema foi explorado por Lausimar Laus, Urda Alice Klueger, Ricardo Hoffmann, João Alfredo Medeiros Vieira e Augusto Sylvio Prodohl.

A par do elemento germânico, também vastas regiões do Estado foram ocupadas por imigrantes italianos, primeiramente, por volta de 1836, com a vinda de sardos para o Vale do Tijucas, mas principalmente a partir de 1870, chegando maiores contingentes, resultando na ocupação do Vale do Tijucas (Nova Trento) e da região sul (Nova Veneza e vizinhanças — Urussanga, Orleans). Mais tarde a expansão alcançou o planalto oeste, sobretudo a região de Concórdia e Joaçaba. (Na literatura o tema foi ainda pouco explorado, destacando apenas o conto e a poesia de José Curi e o início de pesquisa ficcional de Valdemar Mazu-

rana).

Ainda não terminou a formação étnica do Estado. Recebemos também imigrantes poloneses, sobretudo na região de Brusque e, ao norte, Canoinhas (e Fernando Tokarski transpõe o viver popular polaco para a literatura); os tirolese fundaram Treze Tílias e mantiveram suas tradições; houve uma tentativa de colônia francesa em Saí, 1842, na região de Babitonga e outra tentativa belga na região de Ilhota, mas não prosperaram essas duas últimas.

Embora não se trate de imigração por outra etnia, deve-se ressaltar que o planalto catarinense foi amplamente ocupado por gaúchos, trazendo seus costumes, tradições e cultura própria. (Analise-se, nesse sentido, o regionalismo de Tito Carvalho, sobretudo, mas também em parte o de Enéas Athanázio, de Edons Ubaldo ou de Márcio Camargo Costa). É preciso recordar que, em 1928, o então Presidente da Província Adolfo Konder empreendeu uma viagem desbravadora para o oeste, abrindo caminho para a vinda de inúmeras famílias gaúchas para essa vasta região. (A expedição foi pitorescamente registrada na crônica de Othon d'Eça... *Aos espanhoes confinantes*, de leitura tanto agradável como indispensável).

Enfim, restaria lembrar ainda o apreciável contingente de negros e mesmo a fatia de indígenas que integram a formação étnica de Santa Catarina, minorias não tão pequenas mas geralmente esquecidas!

Assim Santa Catarina, que geograficamente já não apresenta muita homogeneidade — um quase triângulo com vários pontos de fuga: uma faixa litorânea, o Vale do Itajaí, a região montanhosa da Serra do Mar e o vasto planalto —, é ocupada por um homem “catarinense” que resulta do fermentar de um caldeirão heterogêneo de etnias e culturas. O que é, então, o homem “catarinense”? Qual a sua formação cultural? Que tipo de literatura pode produzir? Poderá haver um traço comum nessa produção? Podemos reconhecer uma literatura “catarinense”? Ou convém antes falar na produção literária realizada em Santa Catarina? É literatura *catarinense* ou *literatura* de Santa Catarina? A discussão é livre!

1. ROMANTISMO

O Romantismo dominava a Literatura Brasileira quando começaram as manifestações literárias em Santa Catarina, por volta de meados do século XIX. Mas o Romantismo não teve expressão literária muito forte em nosso Estado. A formação da nossa literatura iniciou-se lentamente, ligada em grande parte às personalidades políticas (de mais alto nível cultural) e na dependência do jornalismo, pois eram os jornais os meios mais comuns de divulgação das produções literárias, quando ainda inexistiam editoras de livros entre nós. Não há muitos escritores de nível estético mais elevado nesse período. Merecem maior destaque: J. C. de Lacerda Coutinho, sobretudo na poesia, e Horácio Nunes Pires, autor multifacetado, mas com destaque excepcional na produção de teatro. As referências que se fizerem a Desterro indicam a Capital do Estado, cujo nome foi Nossa Senhora do Desterro, até 1894, quando passou a ser Florianópolis.

1.1 — Poesia

JOSÉ CÂNDIDO DE LACERDA COUTINHO (1841 - 1902). Formado em medicina, foi funcionário público. Além de produção de teatro e ficção narrativa, sua melhor obra consiste na poesia, englobada por dois livros: *Ovidianas* — um longo poema de estrutura clássica, abordando assuntos mitológicos, como os amores escandalosos dos deuses greco-romanos do Olimpo. Outro livro é *Páginas Soltas* — poesias reunidas após a morte do poeta, caracterizadas por forte lirismo desilusório, melancolia, depressão, traços típicos da corrente do “mal do século”. O conjunto “esboços” destaca-se pelo sabor satírico e tonalidade popular bem mais leve.

DELMINDA SILVEIRA (DE SOUZA) (1854 - 1932). Professora, teve sua visão de vida marcada pela desilusão amorosa e pela espiritualidade. Publicou três livros: *Lizes e Martírios* (1908) — poemas de lirismo amoroso e da natureza, expressão do eu pessoal, concebendo o amor como sonho impossível; *Cancioneiro* (1914) — poesia cívica sobre temas nacionais, sua contribuição específica de professora; *Passos Dolorosos* (1932) — constando sobretudo de sonetos de temática religiosa sobre a Paixão de Cristo. Deixou inédito e foi recentemente publicado seu quarto livro: *Indeléveis Versos* (1989), de lirismo pessoal, confessional, expressão de sua alma.

MARCELINO ANTÔNIO DUTRA (1809 - 1869). Foi político, deputado estadual. É considerado o iniciador da nossa literatura com *Assembléia das Aves* (1847), poemeto épico em quatro cantos, de caráter satírico-alegórico, escrito a propósito de campanha política. Deixou ainda poemas lírico-amorosos pré-românticos em jornais.

JUVÊNCIO MARTINS DA COSTA (1850 - 1882). Jornalista e político, de saúde frágil, é autor do livro *Flores sem Perfume* (1883), que encerra poemas de lírica elegíaca, de desilusão, melancolia, revelando influência marcante de Álvares de Azevedo.

JÚLIA MARIA DA COSTA (1844 - 1911). Natural de Parangará, esteve mais ligada à região de São Francisco do Sul. Publicou duas séries do livro *Flores Dispersas* (1867 e 1869), com poemas de lirismo melancólico, desilusório e forte presença da natureza, mãe e refúgio romântico.

IRMÃOS NUNES PIRES:

EDUARDO NUNES PIRES (1845 - 1900) — Foi professor, e deixou poesias dispersas em jornais: lírica amorosa e sobre temas históricos;

GUSTAVO NUNES PIRES (1848 - 1881) — Funcionário público, seu livro *Enlevos* reúne poemas de lírica amorosa, subjetivismo e desilusão.

HORÁCIO NUNES PIRES (1855 - 1919). Foi educador e administrador público, com alta expressão no teatro, deixando também esparsos nos jornais poemas de realismo pessimista. É autor da letra do Hino de Santa Catarina.

JOSÉ ELISIÁRIO DA SILVA QUINTANILHA (1845 - 1877). Jornalista e poeta lírico, é autor de *Lírios e Rosas* (1863), cantando sua desilusão amorosa e desenvolvendo temática de amor e sonho. Em 1978 foi publicada uma *Antologia Poética*, reunindo sua melhor produção.

JOÃO SILVEIRA DE SOUZA (1824 - 1906). Jurista e político, foi poeta na fase estudantil, publicando *Minhas Canções* (1849), de lirismo amoroso muito sentimentalizado, envolto pelo encanto da natureza.

1.2 — Ficção Narrativa

Se a expressão poética do romantismo teve algum desenvolvimento, a prosa narrativa só emitiu alguns vagidos de certo relevo.

HORÁCIO NUNES PIRES publicou crônicas e pequenas novelas na imprensa. Mais importante é a novela *D. João de Jaqueta*, folhetim publicado no *Jornal do Comércio*, de Desterro, em 1887 e editada em livro em 1984 pela Editora Movimento. Trata-se de uma novela de costumes, focalizando cenas da roça na ilha do Desterro, região da Trindade, em torno do coronelismo político-eleitoreiro, com tonalidade de ironia e sátira, existindo uma peça de teatro do autor que versa exatamente sobre o mesmo assunto.

J. C. LACERDA COUTINHO publicou, também em forma de folhetim no jornal *O Despertador*, de 1863 a 1865 o "romance" *Cenas da Vida de Estudante*. À moda de *A Moreninha*, do Macedo, consta de duas partes, com duas histórias de amores de um jovem estudante na Corte, onde o autor estudava medicina. Tem estrutura frágil e exageros românticos.

JOVITA DUARTE SILVA — consta que publicou em 1862 a primeira novela catarinense — *Eulária*, que parece estar irremediavelmente desaparecida.

DUARTE PARANHOS SCHUTEL (1837 - 1901) — Médico, militar e político, usava o pseudônimo literário de “Insulano”. Publicou no Rio de Janeiro, em edições da *Revista Popular*, de 1860/61, a crônica narrativa *A Massambu*, reunida em livro em 1988 pela Editora da UFSC/Movimento. Trata-se de uma novela ou crônica de costumes que narra as viagens de um jovem pelos arredores da Ilha de Santa Catarina, destacando a vida provinciana nessa região.

ARCIPRESTE PAIVA (Joaquim Gomes de Oliveira Paiva — 1821 - 1869). Foi sacerdote, orador, político. Escreveu estudos de História: *Notícia Geral da Província de Santa Catarina* (1873), destacando-se na eloquência sacra com *Ensaio Oratórios na Tribuna Evangélica* (1862).

1.3 — Teatro

A fase do Romantismo foi uma das mais produtivas do nosso teatro, com destaque máximo para Horácio Nunes Pires, o mais prolífico e importante autor de teatro da nossa história, infelizmente tão esquecido.

HORÁCIO NUNES PIRES, além de poeta e ficcionista, destacou-se na área da animação teatral, também como constante comentador do teatro na segunda metade do séc. XIX. Infelizmente, grande parte da sua produção parece estar irremediavelmente perdida, constando que deve ter escrito cerca de quatro dezenas de peças. Conservam-se as peças reunidas em 1908 num volume intitulado *Bastidores*, volumoso conjunto de seis dramas: *Dolores*, *Helena*, *O Bem e o Mal*, *Rosas e Goivos*, *O Anjo do Lar*, *Coração de Mulher* e sete comédias: *Ditos e Feitos*, *O Idiota*, *Fatos Diversos*, *A Prima*, *A Sogra*, *Os Pretendentes* e *Grandes Manobras*. Suas comédias estruturam-se sobretudo à base de equívocos, em cenas familiares. Nos dramas aborda temática muito social, embora com exageros melodramáticos, próprios da época romântica, focalizando principalmente a problemática do casamento por interesses, a nefasta influência da riqueza sobre o amor, acarretando negativa separação das classes sociais ricas e pobres, entre as quais o amor tornava-se de impossível realização. Há denúncias vigorosas nesse sentido.

ÁLVARO DE CARVALHO (1829 - 1858) — embora célebre na época, suas peças foram desaparecendo,

destacando-se os dramas: *O Pescador Pedro Martelli*, *Uma Moça de Juízo* e *Raimundo*.

JOSÉ CÂNDIDO DE LACERDA COUTINHO, também poeta e ficcionista, deixou as peças de teatro, de caráter mais jocoso: *Quem desdenha quer comprar*, *A Mona Domingueira*, *Casa para alugar*.

IGNÁCIO BASTOS (1862 - 1927), também poeta, escreveu várias peças teatrais, entre dramas e comédias: *Dura Lex*, *Um Criado de Hotel*, *Os Farristas*, *Abençoada Mentira* e *A Exposição de Joinville*.

2. REALISMO/PARNASIANISMO

Começam a surgir nesse período nomes mais fortes na literatura de S. Catarina. Entretanto, a quantidade de praticantes da literatura não é muito grande e os principais escritores estão ainda fortemente marcados por características do Romantismo, embora realistas e românticos guerrihassem entre si.

2.1 — Realismo

VIRGÍLIO VÁRZEA (1863 - 1941) é o único nome realmente forte da ficção realista do Estado. Liderou a guerrilha literária contra o subjetivismo sentimental dos românticos. Mas, ao fazer literatura, permaneceu cultivando muitas características da visão romântica. Marca essencial e original da sua literatura é o *marinhismo*, descrevendo e dramatizando a presença do mar como uma constante de todos os seus escritos. Na tendência realista, seu estilo torna-se muito descritivo, havendo constantes digressões para apresentar detalhes de lugares e objetos, cultivando muito o paisagismo. Assim, o espaço assume impor-

tância por vezes maior que as personagens. Estas são praticamente sempre gente simples do povo, lidando na pesca e no campo, apresentadas com tendência à idealização de heróis, figuras planas. A linguagem e o estilo tornam-se não raro rebuscados, um tanto preciosistas. Sua melhor produção está nos livros de contos: *Mares e Campos* (1895), *Contos de Amor* (1902), *Histórias Rústicas* (1904) e *Nas Ondas* (1910). Posteriormente foi organizada uma antologia com seleção dos melhores contos do autor: *A Canção das Gaivotas* (1985). Virgílio publicou também algumas novelas: *Rose-Castle*, *Em Viagem*, *O Brigue Flibusteiro* (sobre pirataria), *A Noiva do Paladino* (episódio medieval da época das Cruzadas) e *Os Argonautas* (episódio da mitologia grega). Seu romance — *George Marcial* é bastante fraco.

2.2 — Parnasianismo

LUÍS DELFINO DOS SANTOS (1834 - 1910) é a figura dominante do período. Formado em medicina e clínico de profissão, deixou vastíssima produção poética, parte romântica, parte parnasiana, mas tudo disperso em periódicos. Tinha grande facilidade de versejar mas o fato de não ter publicado sua produção reunida em livro prejudicou muito seu conhecimento e apreciação crítico-histórica no conjunto. Após a morte, o filho editou quatorze volumes, entre 1926 e 1943, já fora da época histórica, em pleno Modernismo, o que dificultou sua aceitação. São sete volumes de sonetos: *Algas e Musgos*, *Íntimas e Aspásias*, *Rosas Negras*, *Arcos do Triunfo*, além de três volumes de *Imortalidades*, sua melhor produção lírico-amorosa. Outros sete volumes são de poemas longos: *Poemas*, *Poesias Líricas*, *A Angústia do Infinito*, *Atlante Esmagado*, *Esboço da Epopéia Americana*, *Posse Absoluta* e *Cristo e a Adúltera*. Em 1980 foi organizada por Nereu Corrêa uma antologia representativa de *Poemas Escolhidos* do autor. Sua poesia explora os seguintes temas: a) Temática social, sobretudo o abolicionismo e a defesa da liberdade contra a tirania; aqui a linguagem predominante é condoreira; b) Número bem maior de poemas tem tendência filosófica, abordando a angústia do infinito, metafísica, externando suas incertezas, dúvidas, inquietações e ansiedades relacionadas com Deus e com a vida após a morte; c) Mais da metade de sua poesia versa sobre o amor e a mulher, seu tema obsessionante. Retrata a mulher ora idealizada

(anjo, rainha, virgem, divina, perfeita), ora sensual e tentadora, ora orgulhosa, dominadora e inatingível, ora mesmo monstro e esfinge indecifrável — portanto cheia de contrastes. Concebe o amor igualmente sob faces múltiplas, ora como sonho idealizado (platônico), ora como sensual e erótico (descrições da mulher nua, no banho), ora como embriagador, como fetichista e até mesmo como doentio e macabro (necrofilia). Infelizmente a poesia de Luís Delfino não recebeu a atenção e consideração que merecia pela sua quantidade e qualidade, abrangendo tanto a expressão romântica como parnasiana.

ANTERO DOS REIS DUTRA (1837 - 1911) desenvolveu carreira profissional no Rio de Janeiro. Seu livro único — *Miscelânea* (1898) divide-se entre o Romantismo e o Parnasianismo, desenvolve temas profundos de pessimismo e ceticismo ou temas leves do cotidiano. Faz parte do volume uma pequena comédia romântica de equívocos: “Brinquedos de Cupido”.

ARNALDO CLARO DE SÃO THIAGO (1886 - 1979) foi jornalista e fiscal da fazenda. São características da sua poesia: resistência às inovações modernistas e convicto apostolado pelo espirismo. Fez da poesia um meio de divulgação da doutrina espírita para conscientização e evolução do espírito humano. Escreveu também livros em prosa sobre história literária, geografia, religião. Seus livros de poesia são: *Prelúdios* (1914), *Fagulhas*, *Ruínas*, *Escrínio d'Alma*, *Pórtico*, *Últimos Cantos*, *Lírica Espírita e Poesias Póstumas* (1984).

CARLOS DE FARIA (1865 - 1890). Falecendo jovem, não realizou seus projetos de editar livros, ficando os poemas esparsos em jornais, sendo às vezes parnasiano-descriptivos, outras ainda de lirismo amoroso ligado à natureza, com tendência romântica.

3. SIMBOLISMO

O Simbolismo Brasileiro floresceu muito centralizado no Rio de Janeiro, contando com forte participação catarinense, tendo ramificações subseqüentes em Minas Gerais, Paraná e Bahia, sobretudo. Mas o mestre insofismável é o catarinense Cruz e Sousa.

JOÃO DA CRUZ E SOUSA (1861 - 1898). É o mestre maior, de reconhecimento universal. Foi jornalista enquanto viveu em Desterro. A partir de 1890, residiu no Rio de Janeiro, passando vida muito trágica, marcada pela pobreza e doença familiares. Estreou na literatura em 1885, com *Tropos e Fantasias*, em parceria com Virgílio Várzea, livro de contos e crônicas. Mas é em 1893 que inicia o Simbolismo Brasileiro com *Broquéis* (poesia) e *Missal* (prosa). Seguem os livros *Evocações* (1898 - prosa), *Faróis* (1900 - poesia simbolista que intensifica o sentido trágico da existência) e *Últimos Sonetos* (1905 - a obra da maturidade, perfeição profunda de sua arte poética). Em 1923 apareceu uma primeira compilação de suas *Poesias Completas*.

Cruz e Sousa dedicou (e literalmente sacrificou) sua vida ao ideal da criação poética. Foi um obssessionado pela

poesia. Iniciou-se no Parnasianismo, cultivando a forma perfeita do soneto. Depois criou o Simbolismo Brasileiro. Sua fase parnasiana (reunida como *O Livro Derradeiro*, erroneamente, na sua *Poesia Completa*) é marcada pela sobriedade e equilíbrio no tratamento dos temas de tendência descritivo-pessimista, de cenas e circunstâncias. A partir de *Broquéis*, a forma simbolista destaca a participação da sensorialidade, a temática explode em sensualidade e luxúria dramáticas, chegando à morbidez e ao satanismo. Mas a sensualidade carnal já começa a anunciar o misticismo.

Em *Faróis* e sobretudo *Últimos Sonetos* sua poesia torna-se cada vez mais dramática, transparecendo o senso trágico da existência. Sua cosmovisão passa a explorar as antíteses entre, por um lado, a sensação amarga e pessimista da existência, a angústia trágica, a consciência da raça sofredora, o vivo sentimento de dor (sintetizados no soneto “Vida obscura”) e, por outro, a busca da libertação, de reconhecimento e liberdade, a ânsia do infinito, a ascensão ao mundo das essências, a aspiração ao sonho, a diluição no vago, indefinido e nebuloso. São os contrastes dramáticos entre a carne o espírito, o mundo material e a transcendência, a realidade dura e o sonho compensador, a transitoriedade e a perenidade. Assim sua poesia acabou criando um vasto embora vago mundo transcendente, nas “Regiões eleitas”, no “Espaço da Pureza”, no “Celeste Empíreo” de “azuis Melancolias”, nas “Esferas calmas” em que buscou a “grande paz sidérea”. Sua poesia emprega constantemente palavras que indicam esse caminho “ascendente” que conduz às alturas. Sua linguagem é riquíssima ao nível metafórico, privilegiando o vago e as múltiplas sugestões.

JUVÊNCIO DE ARAÚJO FIGUEREDO (1864 - 1927) foi amigo e seguidor do Simbolismo de Cruz e Sousa numa fase, sobretudo com os poemas dos livros *Ascetério* (1904) e *Versos Antigos*, girando em torno da temática da superação da matéria corruptível, em busca da transcendência. Mas, antes, numa rápida primeira fase, Juvêncio foi romântico, com destaque para o sentimento de enlevo na natureza, nos poemas de *Madrigais* (1888). Sua fase de maior produção foi a terceira, em que versejou dentro da estética parnasiana, com os livros *Novenas de Maio*, (religiosidade e acolhimento dos pobres e humildes), *Praias de Minha Terra* (sonetos marinhistas) e *Filhos e Netos* (sonetos sobre famílias). Em 1966 a Academia Catarinense de Letras patrocinou

uma edição completa de suas *Poesias*. Médiun espírito de grande poder, Araújo Figueredo revela na sua poesia uma constante espiritualidade que se concretiza num respeito e atendimento à gente simples, pequena e pobre, cantada com carinho na sua vida do dia-a-dia. Mas o destaque de sua poesia é o marinhismo — o canto de ternura para com o mar, o grande amigo e sustentador dos pobres pescadores. Tudo está envolvido num sadio senso humanista.

OSCAR ROSAS (1869 - 1925) jornalista político, deixou em jornais e revistas alguns contos e poemas de tendência simbolista, em que sobressaem a força da paisagem telúrica e o satanismo. Em 1972 Iaponan Soares reuniu *A Poesia de Oscar Rosas*.

ERNANI ROSAS (1886 - 1955), simbolista tardio, filho de Oscar Rosas. Sua produção importante ficou inédita, está recentemente sendo descoberta pela crítica. A linguagem dos poemas é complexa e hermética, penetrando em sondagens pelas camadas profundas do subconsciente, na linha surrealista, destacando-se também seu satanismo. Revela influência dos simbolistas franceses e portugueses. Publicou os folhetos *Certa lenda numa tarde* (Rio, 1917) e *Poema do ópio* (Rio, 1918). Com a publicação, em 1989, do conjunto de suas *Poesias*, pode-se melhor conhecer a lírica de complexa imagística desse “Peregrino” em exílio permanente, cujo destino solitário dilacera-o entre “Volúpia e Dor”, tendo a “Visão” e o “Sonho” diluídos no vago que se perde entre “Satã” e o Infinito “Além”. Orientando-se por figuras arquetípicas básicas como Orfeu, Narciso e Hamlet, esse poeta do “Outono” concentra-se em palavras-chave absolutizadas, como: Saudade, Melancolia, Incerteza, Noite, Ilusão, podendo uma quadra de “Reino desejado” sintetizar seu universo lírico:

“Peregrino do Sonho errei Caminhos
que iam Ter às Portas da Alegria,
Poeta e Marujo naufraguei sozinho
e a minha Nau fora a Melancolia”.

4. A GERAÇÃO DA ACADEMIA

Na entrada do século XX os escritores catarinenses de destaque viviam todos no Rio de Janeiro, destacando-se Luís Delfino, Virgílio Várzea, Lacerda Coutinho e o pintor Victor Meirelles. Na segunda década deste século, iniciou-se um movimento de efervescência entre jovens, ligados quase sempre ao jornalismo, movimento que culminou com a fundação, em 1920, da Sociedade Catarinense de Letras, que passou a ser conhecida, a partir de 1924, como Academia Catarinense de Letras. Os idealizadores da Sociedade foram sobretudo Altino Flores e Othon d'Eça, mas quem trouxe a força política fundamental foi José Boiteux. O grupo fundou a revista TERRA, que editou 24 números entre março de 1920 e setembro de 1921. Esse grupo, posteriormente conhecido como "Geração da Academia", era constituído de pessoas mais jovens, que exerciam o jornalismo e/ou empregos públicos. Recusaram as propostas modernistas que fervilhavam pelo Brasil, opondo-se à inovação, e preferindo restaurar a força da estética realista-parnasiana. Seus mestres eram os portugueses, principalmente Eça de Quei-

rós. Preferiam o verso métrico. Esmeravam-se no cultivo da expressão lingüística seleta, culta e castiça. Sua produção ficou quase toda dispersa em jornais (fundaram muitos), uma “geração sem livros”. Desenvolveu mais a poesia, com destaque para Maura de Senna Pereira, embora a melhor produção do período inclua a prosa de Othon d’Eça e Tito Carvalho.

4.1 — Poesia

JOÃO BATISTA CRESPO (1887 - 1966), jornalista e funcionário público, foi poeta fecundo de sensorialidade e cromatismo, infelizmente com toda a poesia dispersa em periódicos. Sua poesia revela imaginação fértil, sendo muito descritiva, valorizando a paisagem e o mar; outras vezes assume a reflexão filosófica e há uma série grande de poemas lírico-épicos sobre a colonização de Joinville.

OTHON D’EÇA (1892 - 1965) jornalista, jurista, professor e Secretário de Estado, seu primeiro livro *Cinza e Bruma* (1918) é de prosa poética em torno dos temas fundamentais da Saudade, Melancolia, Sombras e Sonhos, com tendência à diluição abstrata-simbolista nos sentimentos vagos. Deixou muitos poemas esparsos em jornais, na forma parnasiana, temas descritivos, como a série de “Cantigas ilhoas”.

MAURA DE SENNA PEREIRA é a maior representante poética surgida nessa fase e da poesia feminina, com seu primeiro livro publicado em 1931: *Cântaro de Ternura*, prosa poética de grande sensibilidade lírico-telúrica. Sua obra poética vem crescendo até os nossos dias com os livros: *Poemas do Meio-Dia*, *Círculo Sexto*, *País de Rosamor*, *A Dríade e o Dardos*, *Despoemas*, *Cantiga de Amiga*, *Poemas-Estórias* e *Busco a Palavra*. Tem também livros de crônica. Maura aderiu desde o início a maior abertura modernista e se firmou como a grande expressão da lírica feminina catarinense. Sua linguagem é transfiguradora, revelando a sensibilidade e ternura de sua alma. Poderíamos ressaltar três grandes linhas temáticas nos seus poemas: o sentimento forte e humano do amor; a força telúrica que a liga como ser humano à terra/ilha em laços íntimos; e a participação social, buscando o sadio convívio fraternal das pessoas, a valorização humana e a construção de um mundo melhor.

FRANCISCO BARREIROS FILHO (1891 - 1977) famoso professor de língua portuguesa, estilista na correção

gramatical. Nos jornais deixou alguns poemas e, sobretudo, a série de crônicas “Os Dias”.

OGÊ MANNEBACH (1885 - 1942) Deixou poemas esparsos, caracterizados pela irreverência, humor, ironia e sátira aos costumes e proceder da sociedade civilizada.

Outros muitos poetas e versejadores cultivaram a rigidez do soneto fechado nesse período.

4.2 — Prosa

OTHON D'EÇA é o prosador mais destacado, com três obras: *Vindita Brava*, uma novela de costumes, com ingredientes policiais, sobre os povoadores açorianos da Ilha de Santa Catarina; uma crônica de viagem — ... *Aos Espanhóis confinantes*, curiosa e interessante descrição informativa sobre o planalto catarinense, como espécie de cronista oficial que acompanhou a comitiva do Presidente Adolfo Konder na viagem desbravadora ao Oeste Catarinense, em 1928; e *Homens e Algas*, seu melhor livro — conjunto homogêneo de contos e crônicas que destacam o forte humanismo do autor, na visão realista mas de viva defesa social que apresenta dos pobres pescadores litorâneos (açorianos), assumindo também destacado caráter marinhista. O mar é o elemento de ligação de todos os textos. As personagens são seres pobres, sofridos, injustiçados — pescadores que nascem, vivem e morrem na dependência do mar, em permanente miséria. Sem sentimentalismo, o livro desvenda imagem realista e drástica da miséria, em compreensiva ternura.

TITO CARVALHO (1896 - 1965). Foi jornalista profissional na imprensa política. Na literatura é o mais típico representante catarinense do regionalismo, embora sua linguagem e cosmovisão se apresentem estreitamente aparentados com o regionalismo gaúcho. O livro de contos *Bulha d'Arroio* e o romance *Vida Salobra* revelam a visão machista do homem serrano catarinense, com sua rusticidade, primitividade, força instintiva, servindo-se da mulher como de um objeto. Dentro da visão naturalista das personagens, utiliza linguagem típica da região cabocla, exigindo quase glossário para entendimento.

ALTINO CORSINO DA SILVA FLORES (1892 - 1984). Exerceu cargos no magistério e na administração pública, tendo sido Chefe da Casa Civil em quatro Gover-

nos. Destacou-se sobretudo como jornalista vibrante e combativo, atuando na crítica e historiografia literárias, tendo quase atravessado o século com seus artigos e comentários, intelectual ativo e persistente que foi, de alto nível polemizador. Foi fundador e redator de vários jornais, tendo neles deixado esparsa vastíssima produção de artigos, comentários e alguns contos, crônicas e sobretudo escritos jornalísticos em geral. Não reuniu em livro nem sua obra de ficção nem a maior parte dos trabalhos jornalísticos. Editou em opúsculos alguns estudos e ensaios: *Pela memória de Renan* (1923); *O caso Renan e Processos Episcopais* (1923); *No mundo das coisas pequeninas* (1924); *Goethe: os novos e os velhos* (1949, polêmica contra o Grupo Sul); *Do sonho à miséria e à morte — Anterò dos Reis Dutra* (1970) e *Sondagens Literárias* (1973). Não chegou a publicar o anunciado e esperado *Bazar da Província*.

JOSÉ BOITEUX (1865 - 1935) político e administrador público, intelectual de atuação decisiva na organização de entidades como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1896), Sociedade (Academia) Catarinense de Letras (1920) e Faculdade de Direito (1932). Ao lado de várias obras de caráter histórico, cultivou a literatura em dois volumes de contos — *Arcaz de um barriga-verde* (1930) e *Águas Passadas* (1931), contendo contos históricos, isto é, narrativas curtas baseadas em personalidades ou episódios de caráter histórico, mas trabalhados pela imaginação. Seu estilo é fluente e leve, aproveitando o humor em meio ao dramático das situações.

Como autores independentes desse período, podemos incluir:

ANTONIETA DE BARROS (1890 - 1952). Escrevia sob o pseudônimo de Maria da Ilha. Enérgica e austera professora, educadora de mérito, jornalista, foi a primeira mulher a eleger-se no Estado para a Assembléia Legislativa. Seu livro *Farrapos de Idéias* (1937) consiste de crônicas impregnadas de forte humanismo, dentro do espírito de honestidade, justiça, fraternidade e elevado ideal de vida que essa “operária de si mesma” sempre revelou.

ILDEFONSO JUVENAL, nascido em 1894, foi um grande estudioso da nossa cultura, superando preconceitos raciais. Foi autor de peças de Teatro (1942) e *Painéis* (1918), mas sobretudo de contos: *Contos Singelos* (1914), *Páginas Simples* (1916), *Relevos* (1919), *Páginas Singelas* (1929) e *Contos*

de Natal (1939). Com simplicidade natural, dedicou-se incansavelmente a transpor para o texto a alma leal, seu espírito de pensador profundo, seus sentimentos de sincera generosidade.

ZEDAR PERFEITO DA SILVA, nascido em 1912, foi também ensaísta, tendo publicado, na área da literatura, contos e novelas de fluentes diálogos e certa perspicácia psicológica: *Nem tudo está perdido* (1942), *Até que surja a alvorada* (1948) e *Vida sem rumo* (1969).

5. MODERNISMO: DO GRUPO SUL AO MOVIMENTO LITORAL

Com atraso de um quarto de século em relação à Semana de Arte Moderna, e à custa de duras penas, vencendo resistências e polêmicas, formou-se a partir de 1946-7 o Círculo de Arte Moderna em Florianópolis, grupo de jovens interessados na renovação do ambiente artístico-cultural do Estado, com o que, finalmente, chegaram a Santa Catarina as idéias e a estética modernistas, renovando o teatro, as artes plásticas, o cinema e, sobretudo, a literatura. Mais tarde o movimento tornou-se conhecido como “Grupo Sul”. Órgão importante de divulgação do grupo foi a Revista SUL, de circulação nacional e internacional, de que foram editados 30 números entre 1948 a 1958, quando o grupo, tendo cumprido sua missão, se desintegrou. Esse foi o mais importante movimento cultural de todos os tempos no nosso Estado.

5.1 — Grupo Sul: Poesia

A produção do grupo não se destacou na área da poesia. ANÍBAL NUNES PIRES (1915 - 1978) dedicou sua

vida ao magistério, sendo infatigável animador teatral e literário da juventude. Foi o líder natural e maduro dos jovens do Grupo. Como escritor, não deixou obra volumosa. Publicou apenas um livro de poemas *Terra Fraca* (1956) e deixou contos esparsos. Em 1982 reuniu seus poemas e contos no livro *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Começou a escrever dentro do formalismo parnasiano, logo aderindo ao estilo moderno, dentro do qual compôs contos e poemas, normalmente de tom desilusório e pessimista em relação à existência humana.

ANTÔNIO PALADINO (1925 - 1950) foi um jovem boêmio que faleceu logo no início da formação do grupo. Sua prosa e verso foram reunidos no livro *A Ponte* (1952). Marcado pela doença, sua temática é pessimista, desilusória, apreciando o ambiente noturno e boêmio da existencialidade.

EGLÊ MALHEIROS (1928) fez teatro, cinema, publicou um livro de poemas — *Manhã* (1952), depois dedicou-se à crítica e literatura infanto-juvenil, tendo recentemente publicado o livro infantil *Desça, menino* (1985). Seus poemas são curtos, sintéticos, neles predominando a linha de lirismo social.

WALMOR CARDOSO DA SILVA (1925) destacou-se como secretário da Revista SUL. Publicou um livro de poemas *Idade 21* em linguagem modernista, direta, coloquial. A temática do cotidiano focaliza não raro o drástico vazio da existencialidade.

5.2 — Grupo Sul: Prosa

Foi muito decisiva a contribuição do Grupo na prosa. A partir de então o conto e até mesmo o romance recebem impulso que os leva a alto desenvolvimento até os nossos dias.

GUIDO WILMAR SASSI (1922) desenvolveu carreira como funcionário do Banco do Brasil. Estreou com muita decisão literária no conto e depois passou para o romance. Publicou os livros de contos: *Piá* (1953), *Amigo Velho* (1955), *Testemunha do tempo* (1963, ficção científica) e *A Bomba Atômica de Deus* (1985); e os romances: *São Miguel* (1962) — romance social sobre comunidade planaltina que vive da extração da madeira; *Geração do Deserto* (1963) sobre a Guerra do Contestado no planalto catarinense e *O Calendário da Eternidade* (1982) sobre os mergulhadores da Petrobrás e ainda *Os 7 mistérios da casa queimada* (1989).

A literatura de Guido W. Sassi tem como uma das notas essenciais o caráter social, a denúncia defensiva da criança carente (*Piá*) e dos pequenos trabalhadores explorados e injustiçados pela ganância dos patrões (*Amigo Velho e São Miguel*) ou expulsos de suas terras (*Geração do Deserto*). Seu aparente pessimismo é, de fato, muito mais realismo social. Muitas vezes o sentimento invade fortemente as situações, mas nunca se torna sentimentalismo gratuito.

SALIM MIGUEL (1924). Nascido no Líbano, exerceu forte liderança no Grupo Sul. Sua produção literária divide-se entre o conto, o romance e a crítica. Livros de contos: *Velhice e outros contos* (1951), *Alguma gente* (1953), *O Primeiro gosto* (1973), *A morte do tenente e outras mortes* (1978), *10 contos escolhidos* (1985), *As areias do tempo* (1988). Publicou três romances: *Rede* (1955), *A voz submersa* (1984) e *A vida breve de Sezefredo Neves, Poeta* (1987). Principalmente na fase inicial seu conto sofreu forte influência do existencialismo. Na sua técnica literária traz marcas da linguagem cinematográfica, tendo adaptado obras literárias para o cinema. Mas a linha social de denúncia e reivindicação de direitos contra opressões é elemento importante de sua cosmovisão. Destaca-se igualmente a preocupação com a estrutura sempre renovada da narrativa, compondo, por vezes, textos completos num único bloco compacto, em que domina a narrativa centralizada na mente de uma personagem.

ADOLFO BOOS JÚNIOR (1931). Após atividades profissionais no Banco do Brasil, com estadia de anos na Bahia, dedica-se agora integralmente à criação literária. Estreou em 1956 com *Teodora e Cia*. Somente em 1980 volta com um segundo livro de contos — *As famílias*. Surpreendeu em 1986 com a premiação no Concurso Nacional Nestlé, nas categorias do conto com *A companheira noturna* e do romance com *Quadrilátero*. Publicou ainda outro livro de contos — *O último e outros dias* (1988).

A nota mais característica de sua literatura é o esmero apurado na estruturação de suas narrativas, quer longa, quer curtas. Explorando com perfeição os jogos do foco narrativo, as manipulações do tempo e, sobretudo, as potencialidades do monólogo interior, suas narrativas assumem requintado nível técnico, que o emparelham com os melhores mestres da ficção brasileira.

(JOÃO PAULO) SILVEIRA DE SOUZA (1933) Fun-

cionista público, tem vasta experiência na edição de livros e periódicos. É essencialmente contista, com alguma passagem pela crônica. Publicou os livros de contos: *O vigia e a cidade* (1960), *Uma voz na praça* (1962), *Quatro alamedas* (1977), *Os pequenos desencontros* (1978), *O cavalo em chamas* (1981) e *Canário de assobio* (1986). Seu conto tende a ser curto, densamente sintético. A maior parte de suas narrativas contém fortes traços de solidão e do vazio existencialistas, enfocados com vigor dramático. O cotidiano, com sua monotonia e desimportância, merece tratamento apurado. Nos últimos livros sobretudo em *O cavalo em chamas*, envereda pela linha do fantástico, partindo do realismo mágico de fundo psicológico. Últimamente tem-se dedicado à poesia, com três livretos densamente trabalhados: *Artepoema* (1983), *Sete riscos na pedra* (1984) e *Hybris* (1989).

ODY FRAGA (1927-1987) — Figura decisiva do teatro no Grupo Sul: na animação, representação e criação de teatro, revelando-se profundamente afinado com o existencialismo sartreano, com sua depressão e náusea, bem como enfocando desmistificadamente o relacionamento sexual entre as pessoas. Infelizmente depois passou ao cinema, tornando-se o mestre nacional da pornochanchada. Entre suas peças curtas de teatro figuram: *A morte de Damião*, *Um homem sem paisagem*, *Composição para Judas* e *coro de dez anjos*, *A nuvem que se desvanece* e outras.

5.3 — O Movimento Litoral

Cumprida sua intenção e esgotando-se o inicial ímpeto renovador, deixou de circular a Revista SUL e o próprio movimento do Círculo de Arte Moderna se dissolveu em 1958.

A essa época, como que num renovado elo na espiral da produção cultural, já um novo punhado de jovens se agrupara para imprimir outro impulso ao desenvolvimento literário-cultural. Surgia em ares oficiais, com o Manifesto lançado em 1º de setembro de 1957, o Movimento LITORAL.

Nos termos do próprio Manifesto, o grupo apresenta-se moderado nas intenções: “Não vamos ‘cometer uma barbaridade’, mas queremos plantar no chão fecundo da nossa Ilha um pendão que diga da nossa existência literária”. Negando qualquer intuito de agressão destrutiva, acrescentava: “Não vamos destruir, vamos congrega. Não vamos estabelecer fronteiras para a guerra, mas determinar caminhos para

a paz, que constrói e edifica". Pelo que conclui: "nosso lema há de ser o de marcharmos juntos pelos caminhos do tempo, de mãos dadas e solidárias", até que nova geração jovem venha em sucessão.

A intenção básica do Movimento Litoral era de revitalizar o ânimo literário-cultural. Se o Grupo Sul enfrentara situação adversa, apresentando-se como movimento renovador, de atitude polêmica, de ruptura com a tradição acadêmico-parnasiana, visando a implantar nova mentalidade cultural, consubstanciada na estética modernista, os integrantes do movimento Litoral definiam-se claramente como conciliadores, não assumindo ares polêmicos de contestação, mas buscando congregar, caminhar para a paz, "de mãos dadas e solidárias". O Modernismo já triunfava, aceito e estabelecido, e convinha aparar suas arestas com a tradição parnasiana dominante na Geração da Academia, que mantinha vivo e atuante bom número de seus integrantes. Litoral aceitou e valorizou as contribuições das diversas correntes, sem privilegiar nem contestar. Assim, "de mãos dadas" com figuras de destaque do Grupo Sul, como Guido Wilmar Sassi ou J. P. Silveira de Souza, nas letras, Hassis ou Mayer Filho nas artes plásticas, restabeleciam-se nomes tradicionais, como Othon D'Eça ou Altino Flores. Na prática, a produção literária do grupo deu continuidade à linha modernista.

Em 1958 a "Turma do Litoral" lançava sua publicação oficial, a revista de artes e letras LITORAL, através da qual veiculava sua produção artístico-cultural e sua concepção de arte e literatura. A revista atingiu seis números, em duas fases. Os três números iniciais, publicados entre 1958 e 1959 (em formato 16,5 x 23,5 cm.), têm maior número de páginas, maior densidade de texto verbal e seu conteúdo é mais especificamente literário-cultural (literatura - artes plásticas - número especial sobre Jorge Lacerda); os três números seguintes, de 1960, aumentaram o tamanho (23,5 x 31,5 cm.) e diminuíram o número de páginas. A edição n.º 4 ainda mantém certo caráter literário, enquanto que os dois restantes fascículos se envolvem decididamente com a atualidade político-social, em caráter informativo-opinativo, até chegar ao partidarismo político, ampliando também crescentemente a matéria fotográfica.

Tendo-se extinguido, em rápida metamorfose, a revista LITORAL, o grupo buscou outro meio de estabelecer uma ponte com a sociedade, organizando a Editora Roteiro. Esta publicou alguns números do jornal “Roteiro” e alguns livros: *Uma voz na praça* (contos de Silveira de Souza); a estréia poética de Péricles Prade na poesia, com dois livros: *Este interior de serpentes alegres* e *Sereia e castiçal*; a estréia poética de Osmar Pisani, com *O delta e o sonho*, e um livro de *Crônicas* de autoria múltipla: Ilmar Carvalho, Marcílio Medeiros Filho, Paulo da Costa Ramos, Raul Caldas e Silveira Lenzi. Registre-se ainda que C. Ronald Schmidt estreou na poesia com o livro *Poemas* da Editora Litoral.

O Movimento Litoral, na sua constituição, beneficiou-se com a forte liderança do escritor gaúcho Manoelito de Ornellas, que então era professor da Faculdade Catarinense de Filosofia, e contou com o apoio de Othon D’Eça. Na direção do grupo destacaram-se os irmãos Paschoal e Nicolau Apóstolo, que também assumiram a direção da revista. Entre os demais escritores que emergiram com o movimento, destacam-se: Pedro Garcia, C. Ronald Schmidt, Iaponan Soares (Di Soares), Péricles Prade, Osmar Pisani e Rodrigo de Haro, este último como artista plástico e poeta. Estes escritores, na maioria poetas, integraram-se na linha de frente da nossa literatura contemporânea, dentro da qual são, mais adiante, individualmente tratados.

Por volta de 1964, o Movimento Litoral extinguiu suas atividades de grupo.

Como autores independentes, destacam-se, nesse período, os romancistas:

LÉO VITOR (1926-1974), autor de vasta obra de literatura infantil, que escreveu também três romances de bom nível: *Réquiem para Abel* (1972), *Círculo de Giz* (s.d.), *E Agora José? José, e agora?* (s.d.). Seus romances são narrativas bem dramatizadas, sobre problemas filosóficos e psicológicos densamente trabalhados. Na estrutura, são narrativas fragmentárias, com certa independência das partes. Neles, a doença e a morte se apresentam como temas de trágica ressonância. O autor capta bem a angústia da existencialidade humana.

JOÃO STEUDEL AREÃO — Nos anos 60 fez época, publicando vários romances, entre românticos e realistas, dentro do padrão tradicional: *A morte será meu castigo* (1962), *O velho e a moça* (1963), *A taça de fel* (s.d.) e *Clara* (s.d.).

ARNALDO BRANDÃO (1922-1976), formado em jornalismo, experimentou vários gêneros literários. De poesia publicou: *Poemas de Arbran* (1951), *Bas-Fond* (1951) — poemas existencialistas de alto conteúdo humano; *Sol perpendicular* (prosa poética, 1953), *A taverna do gato preto* (poemeto tetralizado, 1954) e *No mundo da lua* (poema teatralizado, 1955) — trabalhos de um lirismo forte e alegórico. Na área do teatro publicou ainda: *Luz* (peça religiosa sobre Santa Luzia, 1957) e *A cortina amarela* (cinco peças de um ato, 1959). Publicou também um romance — *Bartolomeu* (1960), um drama trágico em torno da solidão, desilusão e desespero de um faroleiro. Tem um livro de crônica — *Um brasileiro nos caminhos da Europa* (52) e um volume de contos — *O vendedor de pinhões* (1956), quadros ou episódios escritos a partir da vida real, algumas narrativas bem estruturadas.

AUGUSTO SYLVIO (PRODOHL) mereceria reedição dos seus romances: *O engenheiro Misael* (1957) retrata com perspicácia e segurança psicológica a gente e o cenário duma cidade interiorana — Jaranápolis (Jaraguá/Joinville), onde o protagonista um engenheiro, constrói uma usina. Com realismo humano, ressalta sadia e consistente mensagem social. Publicando *Às margens do Cachoeira*, “romance histórico de Joinville”, o ator confirma sua sólida linha de pensamento, seus conhecimentos históricos e sua hábil perspectiva sócio-psicológica no enfoque do desenvolvimento da cidade. (Antes da edição portuguesa foi publicada tradução alemã desse romance).

FREDERICO GEMBALLA publicou um só romance — *E a felicidade voltará* (1970), de fundo educativo, buscando orientação da juventude: um fracasso não impede em definitivo a felicidade, pois há muitas formas de amor. Não raro prevalece o sentimentalismo comovente.

6. ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

A literatura contemporânea de Santa Catarina, nas décadas de 60, 70 e 80, destaca-se por um forte surto de desenvolvimento do conto e um gradativo projetar-se do romance. Alguns bons poetas continuam elevando a poética da nossa literatura e dezenas ou mesmo centenas de novos poetas estão em busca da construção de sua obra. A crônica e a literatura infantil estão merecendo maior atenção, e mesmo alguns se aventuram no reino da crítica e do ensaio literários. Só continua dizendo que não existe literatura em Santa Catarina quem se mantém completamente ignorante do que acontece ao seu redor.

6.1 — O Conto

No conjunto, é o gênero mais desenvolvido e de melhor nível literário, sobretudo na década de 70.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO. Formado em Jornalismo, é funcionário da Imprensa Oficial do Estado. Estreou com o livro de contos *Singradura* (1970), ao qual se seguiu *Zélica e outros* em 1978. Em 1986 publicou *Longínquas baleias*, seleção

de contos extraídos dos dois livros anteriores. Flávio é escritor de muita consciência literária, de produção lenta mas bem elaborada formalmente, preocupado com a estruturação estética de suas narrativas. Os contos desses volumes buscam resgatar o substrato popular da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina. Com muita perspicácia o autor delinea as personagens do povo simples, com seus anseios, crendices, fragilidades e sonhos. Um painel completo da Ilha se configura, sempre na linha popular, praieira e litorânea, não urbanizada. A linguagem capta bem a coloquialidade popular, mas vem estilisticamente trabalhada.

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA, formado em Direito, com experiência no cinema, exerce funções públicas junto à Câmara Federal. Escreveu algumas novelas de fortes tons melodramáticos — *Love story paulistana* (1979), *Uma tragédia catarinense* (1982) e *A revolução dos ricos* (1986) — mas sua melhor literatura está nos livros de contos: *A expiação de Jeruza* (1972), *Sexo, tristeza e flores* (1976), *Num cinema de subúrbio num domingo à noite* (1978), *Teu coração despedaçado em folhetins* (1978), *Um dia estarás comigo no paraíso* (85) e *O homem que não amava simpósios* (1989).

Sua literatura devassa as mazelas da sociedade capitalista de consumo, que degrada e explora as pessoas na grande cidade, marcada pela violência e brutalidade, alienada pela influência deletérea da TV, dominada pela mediocridade burguesa. Pontilhada de interferências autobiográficas, a literatura de Emanuel denuncia sempre de novo, com revolta, a situação opressiva dos anos após o golpe militar de 64. Rebelando-se contra qualquer tradição consagrada ou situação institucionalizada, seus “heróis” tendem ao caráter folhetinesco, com lances melodramáticos, necessitando satisfazer impositiva vivência do sexo, numa obsessão machista pela mulher.

HOLDEMAR MENEZES — Formado em medicina, dedicou-se à ginecologia e à medicina legal. Publicou 2 livros de crônicas e dois romances adiante comentados e três livros de contos, o melhor da sua produção literária: *A coleira de Peggy* (1972), *A sonda uretral* (1978) e *Os eleitos para o sacrifício* (1984).

Holdemar cria uma literatura vigorosamente realista, com linguagem de impacto cru e violento. Desmistificando a sociedade bem comportada ou bem mascarada, desvenda o outro lado do ser humano, o lado escuro, negro e depra-

vado. Predominam as personagens da marginalidade social: contrabandistas, bebedores, prostitutas, portadores de todo tipo de taras ou anormalidades sexuais. Habilmente construídas, aproveitando a linguagem coloquial, suas narrativas se caracterizam por uma cosmovisão realista, irônica e até cínica, sem a menor concessão a qualquer tipo de romantismo sentimental.

HARRY LAUS — Após carreira militar, de 1941 a 1964, dedicou-se mais à crítica das artes plásticas. Sua obra literária consiste de um relato confessional — *De-como-ser* (1979), duas novelas: *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos* (1981), abordando o homossexualismo, e *O santo mágico* (1982), realismo mágico-psicológico de um caso em Porto Belo; e, sobretudo, de dois livros de contos: *Os incoerentes* (1958) e *Ao juiz dos ausentes* (1961), reunidos no volume *Bis* (1982). A eles acrescentou ultimamente: *As horas de Zenão das Chagas* (1987) e *Caixa d' aço* (1989). Seus contos apresentam grande densidade de conteúdo, elaborada expressão formal, destacada sutileza psicológica na caracterização das personagens, com segura introspecção, captação dos pequenos dramas do cotidiano (e da vida militar).

JAIR FRANCISCO HAMMS, formado em Direito, exerceu atividades na imprensa e administração pública. Publicou os livros de contos: *Estórias de gente e outras estórias* (1972), *O vendedor de maravilhas* (1973), *O detetive de Florianópolis* (1984) e *A cabral azul* (1986). Autor de crônicas, detentor de uma linguagem muito leve, fácil, marcada pela fluência coloquial, Hamms estrutura seus contos sob a influência da leveza da linguagem, do humor jocoso e dos casos do cotidiano exótico, próprios da crônica. Dominadas por achados cômicos, pela ironia e mesmo pela gozação, numa perspectiva de classe média para cima, suas narrativas focalizam a boa vida, desconhecendo compromissos com o social dos dominados. Sua leitura torna-se sempre fácil, leve e atraente e de sensação cômoda.

ENÉAS ATHANÁZIO — Sua carreira de promotor público, em parte nos gerais do planalto catarinense, onde nasceu, forneceu-lhe ingredientes para sua literatura regionalista, focalizando o homem, a paisagem e os costumes característicos da região serrana — fazendeiros-coronéis, peões, políticos e cabos eleitorais, gente que vive ligada à terra. Seu estilo é predominantemente narrativo, em linguagem gramaticalmente correta, mas incorporando inúmeros termos do falar regional campeiro. Seus contos são cada vez

mais curtos. Além de vários livros da área da historiografia e do ensaio literário, publicou os livros de contos: *O peão negro* (1973), *O azul da montanha* (1976), *Meu chão* (1980), *Tapete verde* (1983), *Erva-mãe* (1986), *Tempo frio* (1988), *A cruz no campo* e *O aparecido de Ituy* (1991).

PÉRICLES PRADÉ — Formado em direito, exerce a advocacia. É crítico de artes plásticas. Sua poesia desenvolve-se largamente dentro da linha surrealista, abrangendo os livros: *Este interior de serpentes alegres* (1963), *Sereia e castiçal* e *A Lâmina* (1964), *Nos limites do fogo* (1976) *Os faróis invisíveis* (1980). Na área do conto tem dois volumes publicados: *Os milagres do cão Jerônimo* (1970) e *Alçapão para gigantes* (1980). Suas narrativas enveredam decididamente pelo fantástico e devem ser lidas abstraindo da lógica pura e da estrita verossimilhança. A cosmovisão mítica, a atração do mistério, o fascínio absurdo da perversão maligna, a libertação de padrões convencionais — são características de sua original criação literária.

HERCULANO FARIAS JÚNIOR, psicólogo clínico, tem dois livros de contos publicados: *Força bruta* (1979) e *Sagrada Família* (1985). Seu conto é denso, compacto, realista, dramático. Sua linguagem de forte impacto, sem enfeites, e os menores detalhes tornam mais drásticas as tragédias narradas. A temática explora os ingredientes da culpa e purificação, da guerra do amor, das ânsias e frustrações, o complexo e frustrante relacionamento humano, condicionado pelas marcas do passado, pela rotina, incompreensão, individualismo, agressão, violência do conviver cotidiano, gerando angústia, isolamento, depressão, num grande (e trágico) humanismo.

BENTO SILVÉRIO (1951-1987), jornalista político de promissora atuação, tão surpreendentemente desaparecido. Tem dois livros de contos: *Entropia e evasão* (1980) e *O último desejo* (1984), que comprovam sua madura técnica narrativa, sempre aperfeiçoada e variada, e sua temática voltada para o social, na denúncia da opressão e exploração dos fracos e assalariados, ironizando também instituições políticas e sociais. Tinha tudo para tornar-se bom romancista.

FRANKLIN CASCAES (1908 - 1983), pesquisador infatigável da colonização açoriana na Ilha de SC, recolheu inúmeros casos do folclore e da tradição popular, além de vastíssima coleção de modelagens artístico-populares. Seu pensamento está em boa parte expresso nas entrevistas a Raimundo Caruso no livro *Franklin Cascaes: Vida e arte e*

colonização açoriana (1981), incluindo também alguns contos. Outros contos estão em *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* (1979). Suas narrativas são estóricas mítico-mágicas, sobretudo episódios bruxólicos, colhidos nas tradições açorianas conservadas na Ilha. São relatos geralmente em linguajar caboclo, conservando o caráter pitoresco da primitividade popular.

AMÍLCAR NEVES, formado em engenharia mecânica, profissional na área de processamento de dados e análise de sistemas. Tem dois livros de contos publicados: *O insidioso fato e algumas historinhas cínicas e moralistas* (1979) e *Dança de Fantasmas* (contos de amor, 1984) e a novela *Movimentos Automáticos* (1988). Dominando bem a técnica narrativa, o autor ironiza situações e tipos da sociedade contemporânea, devassando as formas de relacionamento e de amor, não sem erotismo. Publicou em 1991 *Retratos de sonhos e de lutas*.

EDSON UBALDO — formado em direito, advogado, publicou dois livros de contos: *Bandeira do Divino* (1977) e *Rédea Trançada* (1981). Cria uma literatura regionalista em torno da figura do coronel fazendeiro, patrões e capangas nos campos de Lages. Suas narrativas são leves e fluentes, predominando geralmente a comicidade, embora haja tensão e tragicidade. Cria tipos bem caracterizados.

DEONÍSIO DA SILVA é catarinense-gaúcho-paranaense-paulista, autor dos livros de contos: *Estudos sobre a carne humana* (1975); *Exposição de motivos* (1976); *A mesa dos inocentes* (1978); *Cenas indecorosas* (1981); *Livrai-me das tentações* (1984) e *Tratado dos homens perdidos* (1987) além dos romances: *A mulher silenciosa* (1981) e *A cidade dos padres* (1986). Deonísio revela a habilidade de extrair, de fábulas mínimas e de pequenos fatos, narrativas bem estruturadas, com variação técnica que supera o convencional lógico-cronológico. O cotidiano provinciano e os universos da família e da escola são devassados na sua intimidade e até cruamente desmistificados, não sem polêmica. A linguagem é viva e fluente mas forte e demolidora, com irresistível tom de irreverência, ironia e mesmo cinismo.

JOÃO NICOLAU CARVALHO, formado em direito, exerce cargos na administração pública. Seu único livro — *Rasga-Mortalha* (1979) é formado de narrativas curtas e realistas, com tonalidade regional do sul catarinense, forte caráter telúrico e “fauna” realista (o homem, a saga fami-

liar, o animal). A linguagem direta e desataviada penetra sutilmente na psicologia dos relacionamentos e nos desafios do sexo.

MÁRCIO CAMARGO COSTA vem despontando como contista-cronista, com dois livros seguidos: *O Caudério de Cambajuva* (1986) e *A Caudilha de Lages* (1987). Seu regionalismo lageano redesperta a revivência do passado e a coliga com a realidade do presente, num misto de saudade e ironia. A matéria das suas narrativas é extraída da vida e da cultura regionais do planalto de Lages, sendo o estilo caracterizado pela linguagem coloquializada e as expressões regionais.

DAVID GONÇALVES, formado em Letras, é natural do Paraná, donde traz muita matéria de ficção. Publicou novelas: *As flores que o chapadão não deu* (1975) e *Terra Brava* (1982) e *O rei da estrada* (1986), e outros de contos: *Vara-dão do luar* (1974), *Coração do Todo* (1976), *Lição de Amor* (1978) e *Geração viva* (1979). Suas narrativas captam insistentemente o viver e relacionar-se do homem rural e das periferias urbanas, tendo muitos contos em torno dos bóias-frias, tudo numa linguagem popular, muito oralizada e comunicativa. Enveredou decididamente pelo romance social engajado com duas densas narrativas: *O Campeão* (1989) e *O sol dos trópicos* (1991).

JOSÉ CURI, formado em Letras, professor universitário e lingüista, publicou os livros de contos: *Juca Jacu e Cia.* (1979), *Cassoga capital Cassoga* (1982) e *Racconti de Rio Cedro* (1984), em italiano. Ironia, farsa e cinismo embasam visão desmistificatória do convívio social nas narrativas intelectualizadas sobre uma civilização em deterioração.

ARTEMIO ZANON, bacharel em Direito, promotor público, poeta e contista, com os livros de contos: *No plantão daquela sexta-feira* (1981) e *O sétimo dia* (1984). Narrativas que captam excentricidades ou deslizes de personagens populares ou de posição política, ficção enraizada na realidade, com quase permanente enfoque irônico e cínico, de forte caráter, em linguagem coloquializada de marcante personalidade.

AMALINE ISSA, formada em Letras, professora universitária, publicou um bom e único livro de contos: *Anotações sobre um testamento* (1972), com narrativas complexamente estruturadas, dentro de um constante experimentalismo lingüístico.

OSMARD DE ANDRADE, médico e parapsicólogo, surpreendeu com força narrativa nos contos de *A batalha de Araranguá* (1982). Humor e ironia envolvem suas narrativas apresentadas em linguagem fluente e coloquial.

OLDEMAR OLSEN JÚNIOR ainda não reuniu seus contos em livro, mas, vencedor de vários concursos, participa de diversas antologias. Suas narrativas são longas, de estrutura trabalhada, focalizando situações do homem na engrenagem do nosso tempo.

FERNANDO TOKARSKI, também poeta, estreou no conto com o livro original *Aniba e outros povos* (1985) no qual se destacam a oralidade da linguagem, ótima captação dos elementos, tipos e usos populares da colonização polonesa.

INÊS MAFRA escreve poesia e estreou na ficção com *Dança de cabeça* (1981), narrativas curtas de variada estruturação, em linha psicológica feminina, com elementos líricos, outros de realismo mágico, sem esquecer a face social.

LUIZ CARLOS AMORIM, além de livros de poesia, publicou os seguintes livros de contos: *Velhas histórias jovens* (1979), *Pedaços* (1980), e *Canção de amor* (1982), e participou de *Feira de contos* (1980). Seu conto retrata tipos e situações da gente simples, ingênua, do dia-a-dia, sempre com muito humanismo e compreensão solidária.

DI CÓRDOVA (Nelson Carvalho de Córdova), dinâmico homem de cultura: artes plásticas, poesia e teatro, é ator de *Risco de unha* (1983), volumoso conjunto de contos que megulham no íntimo do ser humano, tão desorientado, massificado e vilipendiado na grande “civilização” moderna, mas que luta para viver sua liberdade sem preconceitos.

Muitos escritores estão experimentando a expressa literária através do conto e sua confirmação deverá dar-se por persistente trabalho:

Anamaria Kovács (Blumenau): *Entre a terra e o infinito* (1984);

Armando Ramos (Lages): *Passado e presente* (1988);

Claudir Silveira (Palhoça): *Balaio de caranguejos* (1985);

Edith Korman (Blumenau): *Destinos* (1986);

Edy Leopoldo Tremel (Florianópolis): *A hospedaria* (1978);

Hermes Justino Parianova (Florianópolis): *Pequeno livro* (1986);

José Castilho Pinto (Jaraguá do Sul): *Da terra e do cosmos* (1977);
 José Sérgio dos Santos (Florianópolis): *Pedaços de nós* (1982);
 Luiz A. Martins Mendes (Florianópolis/Rio): *Décimo Terceiro* (1982);
 Neori Rafael Krahll (Florianópolis): *Folhas avulsas penduradas num cabide* (1987);
 Paloma (Blumenau) *História de Eva do princípio ao fim* (1988);
 Raquel Furtado (Blumenau): *Contos & Poemas* (1989);
 Sebastião Ramos (Florianópolis): *Contos em meia-tinta* (1989);
 Vicente Impaléa Neto (Florianópolis): *Turbilhão* (1976);
Desterro, meu amor... (1977); *Raízes e Hoje, Desterro* (1978).

6.2 — Poesia

A poesia sempre foi bastante cultivada. Contemporaneamente existem dezenas ou centenas de poetas entre nós. Alguns são bissextos, outros experimentam apenas periodicamente escrever e alguns persistem na expressão poética. Importante destacar neste período o Movimento da Catequese Poética, liderado por Lindolf Bell, na década de 60 (1964-68), a partir de São Paulo, atingindo muitos estados. O grupo de poetas tinha como objetivo buscar o povo como consumidor, levar a poesia até maior número de pessoas. Isso sobretudo de forma oral, em declamações, lá onde o povo pudesse ouvir: ruas, praças, clubes, boates, estádios, rádios, TV, etc. Os recitais eram acompanhados de efeitos visuais, sonoros e de coreografia, havendo também explicações e debates em torno da poesia. Infelizmente os “estímulos do poder público” barraram a iniciativa.

LINDOLF BELL, formado em dramaturgia, é crítico de artes plásticas e possui uma galeria de arte. Seus livros de poesia são: *Os póstumos e as profecias* (1963), *Os ciclos* (64), *Convocação* (1965), *Antologia poética* (1967), *A tarefa* (1967), *Catequese poética* (coautoria, 1968), *As Annamárias* (1971), *Incorporação* (1976), *As vivências elementares* (1980) e *O Código das águas* (1984).

Bell é poeta permanentemente inquieto, renovando-se

sempre. O grande domínio da linguagem poética conduz sua expressividade formal, na variação e disposição dos versos, na riquíssima metaforização, no habilidoso uso da palavra em sua sonoridade e significação, explorando constantemente as aliterações, as variações fônicas e os trocadilhos. Sua cosmovisão poética esteve inicialmente muito marcada pela grande cidade com sua complexa vida: automatização, massificação, despersonalização, incomunicação. Depois passou a criar mais uma poética ligada ao Vale do Itajaí, com seu rio e suas marcas, retomando os elementos originais e essenciais que definem as essenciais “vivências elementares” do ser no mundo.

MARCOS KONDER REIS, diplomado em Engenharia, exerceu atividades diversificadas, não se prendendo a nenhuma delas. Autor de peças teatrais inéditas e de dois bons livros de ficção (conto-novela): *Sete agonias* e *A bola encantada*, ou outros de crônicas, tem sua melhor criação na poesia, com: *Tempo e milagre* (1944), *David*, *Apocalipse*, *Menino de Luto*, *O templo da estrela*, *Praia Brava* e *Herança*, numa primeira fase, até 1951. A partir de 1965 retomou publicações constantes até hoje: *O muro amarelo*, *Armadura do amor*, *Praça da insônia*, *O pombo apunhalado*, *Teoria do vôo*, *Antologia poética*, *Sol dos tristes* e *caporal douradinho*, *O irmão da estrada*, *Campo de flechas*, *A cruz vazia na encruzilhada* e *O vagabundo iluminado* (1986) e *Brasil quando José?* (1988)..

MKR define-se modernista desde a estréia. Sua vasta produção poética, enveredando por uma linguagem cada vez mais complexa e mesmo abstratizante, privilegiando a expressão simbólica e metafórica, abrange várias linhas temáticas: inicialmente o poeta é um insaciável otimista, “vagabundo” que se extasia, deslumbrado, ante a beleza do universo. Paralelamente vai-se desenvolvendo a exploração do tema da infância perdida, em permanente tom elegíaco, talvez sua mais importante produção. Obsessionado pelo tempo que passa e tudo leva consigo, cria vasto conjunto poético sobre esse tema. O canto do amor também não falta, bem como a carinhosa referência à sua terra e gente catarinenses. Outra nota fundamental é a permanência da espiritualidade, com autênticos poemas em forma de oração e freqüentes referências bíblicas.

MARTINHO BRUNING, formado em filosofia, é a grande revelação poética da década de 80, estreando já quase sexagenário. As publicações tornam-se muito inten-

sas: de 1980 a 1989, publicou treze livros: *O mesmo canto natural e outros poemas*, *Folha e flor do campo*, *Novos poemas e outros Haikais*, *Meditações quase poemas*, *Um tempo para o coração*, *A flor e o cosmos*, *Hai-kais escolhidos*, *Micropoemas*, *Novos micropoemas*, *Verso e reverso*, *Rastreamento*, *Dições* e nova seleção de *Hai-kais escolhidos*.

Formalmente, sua poesia se caracteriza pela gradativa redução no tamanho dos poemas, chegando aos “micropoemas” e, sobretudo, cultivando com frequência o “haikai”, poema de três versos apenas, totalizando 17 sílabas métricas. A poesia de Bruning está marcada por profundo caráter reflexivo e filosófico, externando uma visão madura, sadia, serena e equilibrada de quem viveu uma vida em autenticidade, mas muito realistamente. Seu poema se cria a partir dos menores detalhes da realidade cotidiana, com destaque valorizador para a natureza, vendo tudo na profundidade de quem se familiarizou com a filosofia oriental (Yoga, Zen-Budismo). Não se trata de lirismo lúdico, mas convite permanente à reflexão, consciência, meditação, porque sua poesia está ancorada na vida e voltada para ela.

CARLOS RONALD SCHMIDT, formado em Direito, magistrado aposentado, escreveu os livros de poemas: *Poemas* (s.d.), *Contos de Ariel* (1959), numa primeira fase; depois seguiram-se: *As Origens* (1971), *Ânua* (1975), *Dias da Terra* (1978) *Gemônias* (1981) e *As coisas simples* (1986).

Poeta-pensador, sua poesia profunda tende, por seu abstracionismo, a tornar-se complexa e hermética. É poesia em que predomina a racionalidade, embora desrespeitando a lógica clássica e incorporando a subversão surrealista. Nela ressoam vozes das profundidades do ser, que não se deixam dominar pelos elementos concretos e circunstanciais da matéria. Resultando de constante indagação introspectiva e de busca da significação cósmica da vida, sua poesia concentra mensagem existencial místico-filosófica. A linguagem alegórico-metafórica exige esforço para penetrar na sua acentuada capacidade.

ALCIDES BUSS, formado em Letras é professor universitário. Preocupado com a veiculação e comunicação da poesia junto aos leitores, desenvolve o movimento do “Varal literário”, expondo a poesia em lugares públicos; está também criando o “movimento de ação do livro em movimentação”, fazendo o livro circular de pessoa para pessoa para leitura.

Seus livros de poesia publicados são: *Círculo quadrado* (1970), *O bolso ou a vida?* (1971), *Ahsin* (1976), *O homem e a mulher* (1980), *O homem sem o homem* (1982), *Pessoa que finge a dor* (1985) e *Segunda Pessoa* (1987), *Transação* (1988) e a recente incursão pela poesia infantil com *A Poesia do ABC* (1989). Em 1990 comemorou vinte anos de poesia, editando uma antologia representativa: *Contemplação do amor*. A poesia de Alcides teve uma primeira fase concretista, explorando a palavra-objeto. Depois envolveu-se na magia verbo-visual de Raul Bopp. Transitou para maior densidade social, na análise do relacionamento do homem com a mulher, denunciando as explorações e opressões que esta sofre, para, em seguida, ressaltar a valorização e defesa do ser humano, cada vez mais massificado e tolhido na sua condição humana para tornar-se puro autômato no sistema capitalista de produção e consumo. Nos últimos livros acentua-se o artífice da palavra, como expressão da reflexão existencial.

HUGO MUND JÚNIOR — após longo envolvimento com as artes plásticas, desde o tempo da participação no Grupo Sul, voltou-se mais decididamente para a criação poética. Numa primeira fase poética, enquadra-se mais na linha concretista e processo, muitas vezes com poemas sem palavras, explorando a visualidade. Abrange os livros: *Gráficos* (1968), *Palavras que não são palavras* (1969) e *Cérmens* (1977). Recentemente, sua produção poética se intensificou, voltando à expressão verbal e ao verso sintático. Publicou: *Ícones da Terra* (1985), *Espelho Ardente* (1985), *Flauta de Espuma* (1986), *Exercícios em Branco* (1986), *Véspera do Coração* (1986) e *Grifos e Emblemas* (1987), *As Vozes do Juramento* (1987) e *Palavra e Cor* (1988). Nesses livros, seus poemas tornam-se mais breves, dum lirismo condensado, criando toda uma poética em torno dos quatro elementos originários — terra, água, fogo e ar. A expressão lingüística vem trabalhada, alcançando sua linguagem poética alto nível, que exige leitura lenta na decodificação da intensidade sintética de seus poemas.

PEDRO GARCIA — embora não seja catarinense de nascimento, sua criação poética está intimamente relacionada com nossa ambiência. Livros de poesia: *Viagem norte* (1959), *Ilha submersa* (1964), *Paisagem Móvel* (1973), *Trapézio e Trapezista* (1978), *Sobre a carne do poema* (1984), *Frutos do mar* (1986) e *Índice do percurso* (1986). Seu poema valoriza a disposição visual dos versos, destacando a palavra e sua

sonoridade. O mar é um dos temas constantes, com suas conotações de naufrágio, metáfora da morte. Poemas de emoção contida, racionalizada, marcados pela alogicidade surrealista, tentam eles recontrar o indivíduo humano em meio à massificação tecnológico-social. São poemas densamente simbólicos.

EULÁLIA MARIA RADTKE é a mais forte voz feminina que se vem impondo em nossa poesia. Muitos poemas estão esparsos em periódicos e tem muitos concursos vencidos. Apenas dois livros por ora publicados: *Espiral* (1980) e *O Sermão das Sete Palavras* (1986). Compõe poemas curtos, densos, reflexivos. Seu lirismo se debate em meio às opressões frustrantes da civilização tecnológica e da política injusta, para defender o “sonho” e lutar por condições de realização humana para todos. Debruça-se sobre essa criatura esquecida e degradada que é o ser humano, buscando paz, ternura e amor. Expressão de um espírito forte, consubstanciada em linguagem altamente metafórica e criativa, sua poesia é autêntica e vigorosa, na denúncia e reivindicação.

PÉRICLES PRADE — sua obra já foi citada anteriormente. Sua produção poética filia-se claramente ao surrealismo. As imagens descontínuas e transracionais fogem da logicidade tradicional e são buscadas na sondagem profunda das camadas secretas da vivência interior, descortinando um ritual mítico-demoníaco-erótico.

ARTEMIO ZANON, já citado como contista, escreveu os livros de poesia: *Canção da vida amor* (1969), *No caminho da vida* (1973), *A execução da lavra* (1976), *Homem com medo e poeta triste* (1980), *Evangelho dos amantes* (1980), *Um ciclo o coração* (1980) e *O ciclo da imagem* (1984). Sonetista de grande produção, enfoca muito o amor como princípio básico de convivência, e desenvolve um lirismo humanista, destacando a dramática condição do homem no mundo, os ciclos da vida.

PEDRO BERTOLINO — Professor universitário, abismado nas lides filosóficas, participou, passageiramente, de trabalhos e lutas ao tempo do poema processo, tendo publicado, em 1976, o livro *Trajetos*, um conjunto coeso de poemas que verdadeiramente exploram as potencialidades da palavra no processo da comunicação humana.

LUCY ASSUMPÇÃO — Nascida em Joinville, há muito reside no Rio de Janeiro, sempre ligada à cultura. Seus livros de poesia são: *Estágios* (1979), *Embates* (1981), *Canto de Plantonista* (1983) e *Do que foi antes* (1984). Seus poemas são concisos e elípticos, de mensagem filosófica, centrada na própria arte de escrever, na fugacidade do tempo, no confronto entre o sonho e a realidade e, sobretudo, no denso penetrar na solidão humana.

ZORAIDA H. GUIMARÃES é professora, cronista e poeta, tendo publicado os livros de poesia: *Folhagerando* (1975), *Semeadura* (1979), *Ainda há sol atrás da montanha* (1980) e *A dança da vida* (1983). Sua poesia apresenta forma simples e natural, explorando uma cosmovisão de espontaneidade e singeleza de coração, delicadeza, sensibilidade, ternura e otimismo sadios. É avessa a sofisticações e violências. Busca a bondade natural, a felicidade e espiritualidade que são direitos de todo ser humano. Cultiva um relacionamento humano harmonioso e um sadio convívio com a natureza irmã.

MILA RAMOS projeta-se com quatro livros publicados: *Pé de vento* (1985), *Na grande noite dos girassóis* (1987), *Terra nossa de cada dia* (1989) e *Em surdina* (1989). Mila expande seu lirismo comunicativo numa linguagem dinâmica, fluente e oralizada. Revela vitalidade intensa transparecendo dos poemas, sempre numa visão otimista da vida, valorizando o cotidiano, o simples e o natural, em busca de autêntica comunhão de almas. É poesia contagiante.

DÚNIA DE FREITAS atua no cenário cultural de Joinville. Publicou os livros de poemas: *Rastos e Abracadabra*, *Danada* (1990), além do folhetó *Seis Canções*. É poeta essencialmente lírica, devassando tanto seu mundo interior pessoal, como o cultivo do sonho, como os embates duros com a realidade social, denunciando desilusoriamente as injustiças opressoras.

SUELI T. M. MAZURANA — Professora e dinamizadora da cultura na região de Orleans, tem parte da sua produção poética reunida no volume *Tempo de querer* (1982). Desdobrando em metáforas criativas a realidade cotidiana do seu mundo restrito, Sueli reveste sua poética de sadio humanismo, alicerçado em fortes raízes sociais.

JÚLIO DE QUEIROZ, formado em Filosofia, escreve crônicas e poemas. Tem dois livros de poesia: *Breve Aro* (1981) e *Os Convidados à Trama* (1984). Seu primeiro livro

consiste de poemas curtos, sintéticos, pensamentos de sabor místico sobre a vida e a morte e sobre a cidade de Florianópolis. O segundo livro contém poemas em torno da tragédia de Shakespeare: imagem que as personagens oferecem de si mesmas e imagem que elas têm do protagonista Hamlet, restituindo em linguagem densa as tramas e intranquilidades da peça teatral famosa.

CARLOS DE FREITAS é jornalista e ficcionista, com dois livros de poemas: *Quarenta dias e quarenta noites* (1968) e *Inventário* (1986). Sua poesia traz intensa participação político-social, profundamente enraizada na realidade, denunciando arbitrariedades e reivindicando uma sociedade mais igualitária e justa. Sua linguagem forte comunica incisiva focalização dos temas.

JOSÉ ENDOENÇA MARTINS, formado em Letras e professor universitário, tem três livros de poemas publicados: *Me pagam para Kaput* (1986) e *Me tomam pra doryl* (1987) e *Me vestem para Dujon* (1988). Poeta avesso a qualquer lirismo sentimental e a padrões clássicos, mas de grande força irônica e anticonvencional, é um desmistificador. Cria o poema-minuto, curto e condensado. Sua linguagem é direta e crua, explorando a palavra-objeto, as camadas sonoras (aliteração) e o constante trocadilho para criar efeitos expressivos e humorísticos. Sua temática baseia-se no apoiético do cotidiano, com forte tendência ao erótico e ao relacionamento com a mulher em visão hedonista.

CARLOS DAMIÃO, jornalista, publicou em poesia: *O dia começa por baixo da saia* (1977), *Poemas etc.* (1978), *Força de Expressão* (1984) e *A Palavra Imediata* (1987). Poemas de fundamental caráter social, denunciando a mistificação, violência e alienação, para resgatar o ser humano e sua liberdade de ser, reagindo contra a descaracterização, o consumismo, a deterioração do humano pelo burocrático, no meio urbano. A linguagem racionalizada não admite concessões sentimentais, mas é densa e vigorosa.

MARIA ODETE OLSEN — Jornalista/comunicadora de TV, de enraizado engajamento literário (conto e poesia), reúne em *Sem rimas e sem razão* (1991), poemas de densa solidez. Indignada, a “amante desiludida” denuncia a “pátria sangrando”, porque prostituída pela mediocridade/incompetência político/burguesa; indaga pelo sentido da existência (“O que faço aqui/ se não tenho tempo nem de viver?”) e questiona o sentido de dignidade e condição dos homens, “relicários da moderna escravidão”.

TARCÍSIO MARCHIORI é sacerdote e filósofo, cria uma poética de ressonância espiritualista e humanista. Livros de poesia publicados: *Vergot* (1964), *Canções escolhidas* (1986) e *Salmos dos que vencem a prova* (1986) e *Esboços e outros poemas* (1987). Nos poemas, impregnados de contagiante alegria, otimismo e apreciação sadia da beleza da vida, Marchiori canta a beleza das pequenas coisas do cotidiano, nas quais desvenda as inesgotáveis maravilhas que o Amor concretizou na sua Criação. Seus versos livres ou métricos, geralmente curtos e fluentes, comunicam uma contagiante espiritualidade, no seu colóquio familiar com o Pai.

RODRIGO DE HARO — É fundamentalmente artista dedicado às artes plásticas — pintura, desenho e gravura, mas complementa sua expressão artística através da poesia, que publica em jornais, tendo reunido parte dela em três livros: *Trinta poemas* (1961), *A taça escondida* (1967) e *Pedra elegíaca*. Ilustrou, também muitos livros com seus desenhos. É poeta surrealista, que cria seus poemas com imagens insólitas e alegóricas, em torno da morte, trevas, túmulos, noites e elementos satânicos, baseando-se em fundo bíblico ou mítico, buscando uma sondagem do sentido da existência.

JOSÉ CURI, além de contista, publicou um bom livro de poemas: *Traze-me o girassol* (1982) e outro em dialeto italiano: *Resta quà con noaltri* (1987). Os poemas em português revelam profundidade lírico-humanista, analisando dimensões diferentes do ser humano — suas aspirações, sonhos, convívio social e misticidade. O caráter reflexivo-filosófico e a rica imagística da linguagem tornam sua leitura mais exigente.

MIGUEL RUSSOWSKY — Empresário, médico, fundador e diretor do Hospital São Miguel de Joaçaba, é também poeta com três livros publicados: *Céu de estrelas* (1951), mais lírico-romântico, *O Julgamento de Tiradentes* (1980) e *O Segredo do Pântano* (1984), ambos enfocando temática de vigorosa densidade social, na denúncia da venalidade e na defesa da liberdade e integridade do ser humano. Russowsky é exigente cultor da estrutura métrica uniforme, mesmo nos dois livros de poemas que constituem teatro em poesia, de caráter épico.

JOSÉ GOMES NETO, formado em Letras, professor universitário, publicou dois livros de poemas: *A Sagração da Matéria* (1984) e *Opium de vidro* (1986). Poeta que trabalha a expressão lingüística, sobretudo a palavra decomposta e

recomposta, buscando seus valores polissêmicos também na sua disposição visual, Gomes cria seu poema a partir do realismo pragmático da matéria da vida, na qual Eros e Tanatos se confrontam em dialética, desfazendo-se dimensão hedonista não raro em desilusão e deterioração.

JOSÉ ROBERTO RODRIGUES, jornalista, tem publicado o livro *Poliedro* (1981), com poemas curtos, fluentes e densos, revelando habilidoso uso semântico da palavra, abordando ora temas de amor e encontro, em visão otimista, ora temas noturnos, de solidão, isolamento e silêncio, em visão desilusória, mas enraizando-se sempre na existencialidade e no convívio humano, seja de compreensão, seja de frustrante desencontro.

ROBERTO DINIZ SAUT formado em Direito, jornalista, publicou quatro livros de poemas: *Resistência* (1981), *Ao silêncio da luz* (1986), *Circo Aparente da Vida Real* (1988) e *Habitat 2000* (1989). Cria poema de compromisso social, um grito angustiado do homem oprimido e explorado. Sempre com intenção ético-humanista, seu poema busca também desvendar a psicologia do interior humano, revestindo-se de caráter filosófico, sobretudo no segundo livro.

JOEL ROGÉRIO FURTADO, promotor da justiça, com vasta produção em jornais, tem publicado o livro de poemas *Memória imprecisa* (1983), reunindo um conjunto de poemas ancorados no homem e na sua fragilidade existencial, girando em torno das temáticas do amor, solidão, ação do tempo e solidariedade. Sua tonalidade é reflexiva, comedida e harmoniosa, refletindo equilíbrio de sentimento.

CHANDAL MEIRELLES NASSER, professora universitária de biologia, constitui promissora estréia com o livro *Os mil domingos* (1985). Seu poema curto e denso vem expresso em criativa linguagem poética, captando a poesia espontânea a partir do cotidiano existencial, com aguçada sensibilidade lírica. Sua linguagem transfigura a realidade, a partir de um espírito de lirismo puro.

SANDRA LOSEKANN estreou surpreendentemente com um bom livro de poemas: *Raízes Aéreas* (1984), com linguagem ricamente poética, num constante devassamento em profundidade dos mistérios do eu, da condição feminina, tudo num forte realismo existencial e numa integração telúrica do ser humano.

NEDI TEREZINHA LOCATELLI — Dinamizadora da cultura na região de Ipumirim, publicou um livro de

poemas: *Única Certeza* e um livreto da série corruíra: *Rebentos*. Seus poemas ora contêm certa ilusão de otimismo amoroso jovem, ora tornam-se mais sociais, questionando a distribuição dos bens, mas sobretudo tendem bastante a ressaltar um permanente substrato de espiritualidade, de fé e confiança no Ser Supremo.

MÍRIAM PORTELA — profissional de jornalismo, estréia na poesia com *O continente possuído* (1987), numa linguagem poética segura de sutileza sugestiva. Envolvendo mensagem vigorosa e viva, na abordagem do mistério profundo do ser, transita do “eu” (suas máscaras e seus duplos) para o “tu”, numa busca de comunhão dialógica, para culminar numa lúcida e engajada visão histórico-social da realidade brasileira.

GERALDO LUZ, jornalista e professor, publicou *Os pecados imortais* (1975) e *Os pecados imortais, batizados e novamente modulados* (1990). Muito simbólico, seu poema tanto valoriza a problemática humana do ser-no-mundo, como busca substancialidade mais profunda e transcendente — o mistério do indefinido, em linguagem complexamente sugestiva.

FÁBIO BRÜGGEMANN — além da história infantil *A lenda do peixe-boi* (1985) e da novela *Homem aranha* (1988), está assumindo numa linha renovadora a criação poética: *Livro-língua* (1983); *Dançando na chuva* (1984), *Semanário* (1985), *Música* (1988), *Narcisa* (1988) e *Transporte* (1989). Seus livros são edições artesanais de poucas páginas, formato diversificado, sem paginação, explorando a palavra no espaço em branco. Sua poesia sintética e anticonsumo cultiva a palavra em liberdade, mais associativa do que lógica-discursiva e seu poema-jogo irreverente não busca temas profundos mas o estranhamento que resgata o signo massificado.

FERNANDO JOSÉ KARL, de Joinville, marcado pela passagem por S. Francisco do Sul, participou do movimento cultural de Lages e Curitiba e tem vários livros de poesia: *Vento interior* (1989); *No verão amadurecem os chapéus* (1980), *A Ilha dos pássaros ao sol* (1981), *Estórias quase mágicas* (1982) e *Tema para romance* (1985).

Sua sensibilidade e intuição poéticas captam sensações e quadros líricos no contato vivencial da natureza, explorando bem imagens como a dos “pássaros” (liberdade), do “galo” (anúncio do novo) e sobretudo o fascínio do “mar”. Grande potencialidade lírica, para ele, “o sentido da poesia: elucidar o homem”.

MÁRCIO TAVARES D'AMARAL — Intelectual e professor universitário, publicou, além de ensaios, três livros de poemas: *A casa* (1977), *Entre barro e nuvem* (1980) e *Canção de vida e morte para o poeta* (1983). Sua sensibilidade penetra na intimidade do cotidiano, fazendo com que o calor humano revista a frieza da construção e plênifique de conotações os objetos inanimados.

CLEBER TEIXEIRA — Dinâmico atuante na área da cultura, na editoração artesanal, com sua Editora Noa Noa, Cleber é também criador de poesia autêntica, com três livros publicados: *Armadura, Espada, Cavalo e Fé* (1979), *Oito Poemas* (1980) e *Velhos e Novos Poemas* (1987). Sua poética vem marcada pela estrutura abreviada do haikai japonês. Em linguagem densamente plurissignificativa, seus poemas de grande contenção trazem forte caráter telúrico e lucidez de consciência histórica.

OSMAR PISANI, formado em Direito e Letras, crítico de artes plásticas, tem três livros de poemas: *O delta e o sonho* (1964), *As raízes do vento* (1976) e *As paredes do mundo* (1981). Sua poesia apresenta caráter bastante hermético, enveredando francamente pelo surrealismo, criando imagens de caráter muito pessoal e individualizado, não sujeitas à razão lógica.

PINHEIRO NETO, formado em Letras, publicou os seguintes livros de poemas: *Iriamar* (1978), *Chrishelle* (1980), *Minha Senhora do Desterro* (1981) e *A Rosa do Verso* (1988). Seu poema impregna-se muito de lirismo familiar, valorizando o amor, a pessoa humana e o elemento telúrico. Seu universo poético é sereno e harmonioso. Poeta experimental, recorre ao poema-processo, às vezes à visualidade sem palavras.

ALDO SCHMITZ — Publicou em 1977 o volume *Mininus* e em 1980, sob o pseudônimo de Paulo Ciça, *Vôo cego do migrante*. Seu vigoroso e irônico poema é formalmente conciso e tematicamente dirigido à denúncia das subcondições de vida humana e à reivindicação de um humanismo social mais justo, buscando autênticos valores humanos.

ABEL B. PEREIRA, atuante no magistério, nos seus livros: *O despontar do sol* (1986) e *Doces e amargas* (1990) reúne poemas que buscam resgatar um universo harmônico e solidário, revelando denso sentimento lírico, bucólico e humano. Em meio à nostalgia do passado, impõe-se sempre um equilíbrio sóbrio e comedido.

ALMIR MARTINS, formado em *Administração*, jornalista e poeta, publicou os livros: *Quem é você?* (1978), *Na voz do silêncio* (1988) e *Revelação* (1989). Poeta muito ativo, o poema de Almir é curto, de caráter reflexivo, introduzindo na nossa literatura o “filosofema”. Sua temática humanista contrapõe os valores humanos ao *desenfreado materialismo*, mantendo uma concepção serena, equilibrada e espiritualista do homem, para o qual busca uma sociedade mais fraterna. Em 1991 publicou os poemas de *Parábolas da trajetória*.

AUGUSTO ALBERTO NETO (Nelci Andrado Mittmann) é professor de língua portuguesa, também ficcionista, batalhador da difusão cultural no planalto oeste. Seu livro de poemas — *Reflexos e devaneios* (1982) revela segura consciência estética e humana, expressão lingüística criativa e temática densamente filosófico-humanista.

JOSÉ NUNES — Professor universitário, funcionário público, arrebatou muitos prêmios literários e, além dos trabalhos em jornais, publicou os livros de poemas: *Acorrentando rosas* (1962), *Moreninha da ilha* (1964), *Terra dos meus amores* (1974) e *Mãe, como és bela* (1972). Sua poesia se reveste de sensível tonalidade sentimental, cultivando uma lírica de amor puro e de sentimento de ternura humana.

ABILIA MACIEL DE ATHAYDE — Estreou promissora com o livro *Poemas de Amor ao Pequeno Príncipe* (1987), poemas de intenso sentimento lírico e de vitalidade expansiva, verdadeira irrupção de ternura e êxtase de alma, cultivando os valores positivos do amor, da amizade, da convivência enriquecedora, tudo expresso no caráter coloquial de um monólogo afetuosamente dirigido ao interlocutor buscado.

LUÍS (CELSON LUÍS TEIXEIRA) é pintor e poeta com ampla atividade na divulgação e popularização da poesia, com criação de periódicos. Tem muitos poemas esparsos na imprensa e outros nos livros *O amor na ponta do espinho* e *Lua negra*. Poema de conscientização e engajamento, denunciando a opressão e o sofrimento do irmão anônimo, numa atitude de solidariedade que anseia pelo amor.

JOSÉ PAULO DRUMMOND — baiano, médico, enamorou-se pela Ilha de Santa Catarina e encontrou também a poesia, tendo publicado: *XXI Sonetos* (1985), *Mulher* (1985) e *Itinerário da infância* (1989). Mesmo nos sonetos métrico-rimados, por vezes verdadeiramente clássicos, ressoa um espírito profundo e uma sensibilidade que cria imagística original. A linguagem transfigura o real em imagem poética, desvendando inesgotáveis prismas da mulher.

ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA — após longo exercício da medicina, experimentou o agulhão poético e publicou: *Canto liberto* (1979) e *Insatisfação* (1983). Seus sonetos e poemas livres trazem a marca da reflexão de quem, na maturidade, lança um olhar lúcido e por vezes saudoso sobre as marcas da própria existência e o sentido da condição humana, registrando a ação inexorável do tempo, interrogando também a esfinge misteriosa do futuro, sempre em busca de mais plena realização.

LUIZ CARLOS AMORIM, também contista, dinamiza em Joinville o grupo literário em torno do “Suplemento Literário A Ilha”. Publicou os livros de poemas: *Minha poesia menina* (1984), *Uma questão de amor* (1986) e *A cor do sol* (1989). Na forma simples e direta, seu poema gira em torno das coordenadas: paz, esperança, amor e ternura, para preservar no ser humano a felicidade e a fé num mundo melhor.

RENATO TAPADO, formado em Letras, publicou um livro de contos: *Fogo-fátuo* (1984), participou da coletânea *Partilhas* (1987) e definiu-se para a poesia com *Poemas para quem caminha* (1987). Com expressão bastante elíptica, de simbolismo polissêmico, destaca a temática da liberdade, as condições do ser, do (des)respeito aos valores e à dignidade do homem no contexto latino-americano.

TELMA LÚCIA FARIA SARDÁ — estreou em 1988 com *Corpo submerso*. Sem estruturas sofisticadas, seu poema expressa o coração carente de esperança humana: o sonho das estrelas está de “asas quebradas” e o “corpo submerso” nesse “mundo de eterna antítese”: “viver não é fácil”, mas continua aberta uma janela para a saudade nessa ilha solitária.

A poesia parece constituir, felizmente, expressão inevitável do ser humano, ou, na feliz expressão do poeta Cocteau: “A poesia é indispensável; se eu ao menos soubesse para quê...” Centenas de pessoas escrevem poesia no Estado, uns esporadicamente, outros estão iniciando com força jovem. Segue um pequeno registro dessa fervilhante criação poética, na esperança de que esses autores prossigam e afirmem em definitivo sua arte lírica:

Alcir Paulo Faversoni (Lages): *Cordão umbilical* (1983) e *Sentado no chapéu do mundo* (1983);

Adilmar Rocha (Araranguá): *Eu também* (1987);

Adilson Pacheco (Itajaí): *Liberdade, liberdade* (1980);

Adriana Consulinski (Joinville): *Gemidos e Sussurros* (1985);

Adrian Marcel Kobs (São Bento do Sul): *Por estas ruas* (1984);

Albert Lang (Lages): *E nos dias de minha ilusão* (1987);

Aldomari Ruberd Prazeres (Florianópolis): *Atma cênico* (1985);

Aldy Maingué (Florianópolis): *É* (1989);

Alzemiro C. Vieira (São José): *Mundo Neutro* (1979) e *Confronto* (1981);

Ana Maria Bacca (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);

André Ramos (Lages): *Lata de banha* (1986);

Antônio Morga (Florianópolis): *Tá na boca* (1984) e *Fugas no entardecer* (1986);

Apolinário Ternes (Joinville): *O aprendiz da esperança* (1978);

Ary Longhy (Lages): *O amor do princípio ao fim* (1983);

Beatriz Niemeier (Blumenau): *Conjugação* (1976);

Belisário Régis (Joinville): *Fantasia da paz* (1986);

Biase Faraco (Florianópolis): *Sinfonia da chuva* (1981);

Carlos Alberto P. Vinci (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);

Carlos Crescêncio (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);

Carlos Alberto Cidade (Florianópolis): *Cavaleiros das eras* (1987);

Celeste Laus (Florianópolis): *Poemas escolhidos* (1986) e *Seleção de poemas* (1989);

Celso Martins (Joinville): *Vida dura* (1982);

Circe Gama d'Eça Tertschitsch (Florianópolis): *Grades de vidro* (1983);
 Cirineu Cardoso (Florianópolis): *Decreto-lei e Suor & látego* (1979);
 Cláudia Lúcia Menegati (Curitiba): *Luzes ao amanhecer* (1986);
 Cláudio Dutra (Porto União/Florianópolis): *Líquida pétala* (1985);
 D.Juro Poljak (Florianópolis): *Vereda da virtude* (1988);
 Dante Martorano (Florianópolis): *Os meus caminhos* (1983);
 Deolir de Souza Machado (Concórdia): *Viagem... ao centro do Ego?* (1985);
 Derci M. Bisolo (Seara): *Minha voz em poesia* (1985);
 Dinovaldo Gilióli (Florianópolis): *Fragmentos* (1985), *Partilhas* (1987) e *Hálito de água* (1989);
 Edeltraud Z. Fonseca (Blumenau): livros de poemas: *Quero estar com você agora* (1988) e *Ternura em contos e poemas* (1989); tem também livros de narrativas: *Jornada de amor* (1981), *Quando o outono chegar* (1983) e *Portas que se abrem* (1984);
 Eliana Wobeto (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);
 Elinor da Silva (S. Miguel do Oeste): *Casca humana* (1982);
 Érico Max Müller (Florianópolis): *Ao corpo circunscrito* (1966);
 Esther Laus Bayer (Tijucas): *Anuário de Poetas do Brasil-1977*;
 Eulália Horvath (Florianópolis): *Pensamentos & poemas* (1987);
 Felipe Gustsack (Florianópolis): *Pra nascer um novo sol* (1985);
 Fernando Tokarski (Canoinhas): *Sapareilha* (1981);
 Florentino Carminatti Jr. (Florianópolis): *Sol de sal* (1983);
 Giane E. Fischer (Lages): *Corações divididos e Secretamente irmana* (s.d.);
 Harry Wiese (Blumenau): *Meu canto amar* (1984), também com livro de contos: *Girata de espantos* (1988);
 Helena Noronha (Florianópolis): *África, adeus* (1979) e *Bric-a-brac no mar* (1982);
 Heronides Moura (Florianópolis): *Pergaminho* (1987);

Ilson José Vitório (Joinville): *Algemas libertas* (1986);
 Inês Roani (S. Miguel do Oeste): *Quando o verão chegar* (1979); *Faces da vida* (1982) e *Passos lentos* (1985);
 Irineu Voigtlaender (Pomerode): *Dementes e de mitos* (1986);
 Ita R. T. Herde (Lages): *Paisagem serrana* (1985) e *Contos do sul* (1987);
 J. H. Girão (Criciúma): *Renascer* (1984) e *Reflexões sobre a vida* (1986);
 Jacqueline Boabaid (Florianópolis): *Um cheiro de vida verde* (1985);
 Jeferson Lima (Florianópolis): *Poesilha* (s.d.) e *Barco* (1989);
 João José Silva (Palhoça): *Dois tempos* (1987);
 João Vicente Vieira (Seara): *Fuga para a esperança* (1989);
 Joca Wolf (Florianópolis): *Homem aranha* (s.d.);
 José Cordeiro (Florianópolis): *Luz e sombra* (1951) e também ficção: *A sombra do passado* (1953) e *Águas passadas* (1970);
 José Jaime Varela (Concórdia): *Céu em miniatura* (1986);
 José Germano Cardoso (São José): *Via crucis* (1982);
 José J. Fernandes (Florianópolis): *Um menino no castelo* (1984);
 José Maria W. Silva (Lages): *Ecos da natureza* (s.d.);
 José Roberto Moreira (Curitibanos): *Rumores* (1987);
 Lau Santos (Florianópolis): *Assim por acaso* (1984);
 Leatrice Moellmann (Florianópolis): *Confissões de amor* (1987) e *Em busca de ti* (1990);
 Lélia A. de Camargo (Lages): *Cirandando* (1989);
 Leonor Scliar Cabral (Florianópolis): *Sonetos* (1987);
 Liane dos Santos (Itajaí/P.Alegre): *Primeiro ato* (s.d.) e *Verão* (1980);
 Luiz A. Martins Mendes (Florianópolis/Rio): *Pedra redonda* (1978), *O acrobata* (1982) e *Verso Vício* (1985);
 Luiz A. Vieira (Itajaí/Rio): *Primeiro canto* (1983);
 Luiz A. Zanluca (Balneário Camboriú): *Gotejando dons* (1987);
 Luiz Cláudio Gandim (Itajaí): *Amor e liberdade* (1989);
 Luiz Ekke Moukarzel (Florianópolis): *Em louvor aos pássaros* (1979);
 Manoel Félix Cardoso (Florianópolis): *Colheita entre sombras* (1980);

Marcelo G. Ávila (Florianópolis): *Seres proibidos* (s.d.);
 Marcos Laffin (Joinville): *Seis pedaços de dois* (1986),
Seis luas de solstício (1989) e *Estivador* (1990);
 Maria Aparecida Gobbi (Chapecó): ainda inédita em livro;
 Maria Francisca Secco (Francis - Florianópolis): *Vôo livre*
 (1983);
 Maria Mercedes Minetto (Caxambu do Sul): *Ternura*
 (1985) e *Reflexos* (1987);
 Marilda de Fátima Barros (Lages): *Momentos para recor-*
dar (1987);
 Mário Ramos (São José): *Caminhos de sonhos* (1984);
 Mário Rogério Feijó (Florianópolis): *Encontros & emoções*
 (1987);
 Marlete Guedes de Mello (Florianópolis): *Partilhas* (1987);
 Mauro Eduardo Pommer (Florianópolis): *Saudades do fu-*
turo (1989);
 Mauro Faccioni Filho (Florianópolis, mais ligado ao cine-
 ma): *Sintético desavergonhado* (1983), *A criação de Deus*
e do Diabo (contos, 1983) e *O Grande monólogo de Ma-*
drija (teatro, 1989);
 Miguel Cavaus (Joaçaba): *Viagem de um peregrino*
 (1983), *Ave noturna* (1984), *Flores prematuras* (1987) e
Clamor de um vale agonizante (1987);
 Miguelito Savagé (Joinville): *Balconista* (1984);
 Milene Correa (Florianópolis): *Singradura* (1985) e *Parti-*
lhas (1987);
 Moacir de Oliveira (Florianópolis): *Flori, Florianópolis*
 (1982);
 Murilo Napolini (Florianópolis): *Pé na veia do peito do*
pé (1989);
 Natália Ramos (Florianópolis): *Energia* (1987);
 Neri Gonçalves de Paula (Xanxerê): *Bocejo poético* (s.d.);
 Nery Paes de Farias Filho (Tubarão): *Ausência* (1984),
Bem me quer (1986) e *Coisa íntima* (1987);
 Nilton Mateus (Brusque): *Singelezas* (1981);
 Nini (Hermelinda Izabel Merizi - S. José): *Sempre é bom*
sonhar (1981) e *Janela d'alma* (1982);
 Osvaldo Ataíde (Lages): *Chucros e aperreados* (1986) e
Sementes do amanhã (s.d.);
 Osvaldo Vieira (Florianópolis): *Astros de Cinza* (1981);
 Paulo Dau (Florianópolis): *Por que os dias nascem* (1980);
 Paulo Prado (Florianópolis): *Janela para o mar* (1981);

Paulo Roberto Schulte da Silva (Florianópolis): *Respiração da terra* (1982);

Pedro Albeirice (Chapecó): *Ainda te amo*. (s.d.) e também livros de narrativas: *A Catástrofe* (1981), *Morte na ferrovia de carvão* (1984), *La historia de Andres* (1987) e *Vendaval — a tragédia de Maravilha* (1986);

Pedro Grisa (Canoinhas/Florianópolis - parapsicólogo): *Interrogação vital* (1967), *A caminho* (1973), *Perspectivas proféticas* (1982), também tem livro de “cronicontos”: *Faróis dentro da noite* (1976) e outros de parapsicologia;

Pedro Port (Florianópolis): *Vento sul* (1979);

Ralf Kraft (Seara/Blumenau): *Ave de rapina* (1989);

Raquel Furtado (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);

Raul J. M. de Arruda Filho (Lages): *Um abraço pra quem fica* (1984), *Cigarro apagado no fundo da taça* (1988);

Rita Rafael (Florianópolis): *Da sedução da intimidade do mundo* (1988);

Rita de Cássia Alves (Joinville): *Simplesmente vida* (1982);

Rita Valéria Debiasi (Florianópolis): *Pedaços de mim* (1984);

Rosane Magaly Martins (Blumenau): *Poetas independentes* (1988) e *O fel do cio* (1989);

Rosani Aparecida Schiavini (Itá): *Liberdade de pensamento* (1987);

Rosemary M. Fabrin (Florianópolis): muitos livros inéditos;

Salete Delourdes (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);

Saulo de Almeida (Florianópolis): *Pra nascer um novo sol* (1985);

Sandro Sedrez dos Reis (Florianópolis): *Urbanóides* (1985);

Semy Braga (Florianópolis): *O despertar do anjo azul* (1985);

Sérgio Luiz Madeira (Florianópolis): *Como os pássaros* (1985);

Silda Thereza (Laes): *Nossos caminhos* (1980), *De cujas sandálias não sou digno* (1982) e *Passageiros do tempo* (1984);

Silmar Bohrer (Quilombo): produção ainda inédita em livro;
 Silvério Ribeiro da Costa (Chapecó): *Retalhos da existência* (1989); *Retratos* (1991);
 Sylvia Amélia Carneiro da Cunha (Florianópolis): *Poemas no tempo* (1985);
 Sylvio Back (Blumenau/Curitiba-cineasta): *O caderno erótico* (1986);
 Susana Albino França (Lages): *Gosto da chuva do mundo...* (1988);
 Swami Sunder Nirav (Daniel Guizoni de Andrade - Uru-bici): *É* (1988);
 Tânia Regina dos Anjos (Florianópolis): *De bar em mar...* (1987);
 Tânia Rodrigues (Blumenau): *Poetas independentes* (1988);
 Urbano Maya Salles (Florianópolis): *Talvez a perfeição não exista* (1981);
 Vanderlei Rouver (Canelinha): *Partilhas* (1987);
 Vera da Costa Vianna (Itajaí/P.Alegre): *Na presença da vida* (1970);
 Vilmar de Souza (Joinville): *Casos por acaso* (1975) e *O arco-íris azul* (1976);
 Vilson Vidal Antunes (Lages/Florianópolis): *Poemas de amor e paz* (1977) e *Canto imergente* (1979);
 Vilson do Nascimento (Blumenau): poemas surrealistas não reunidos em livro;
 Vinícius Alves (Florianópolis): *Sete porções circulares* (1986) e *Nens nãois quasis* (1989).

6.3 — Romance

O romance, a narrativa mais longa e complexa, ainda não está muito cultivado e desenvolvido em SC. São relativamente poucos os arrojados que se dispõem a esse gênero. Mas alguns romances aqui escritos estão ao nível dos melhores autores nacionais. Tradicionalmente houve poucos cultores do romance: Virgílio Várzea (*George Marcial*), Horácio Nunes Pires (*D. João de Jaqueta*), Tito Carvalho (*Vida Salobra*), crescendo o interesse pelo romance a partir do Grupo Sul, com os autores ainda atuantes: Guido Wilmar Sassi, Salim Miguel e Adolfo Boos Jr., que só recentemente enveredou pelo romance, com a melhor técnica.

LAUSIMAR LAUS (1916-1979) que também publicou histórias infantis, ensaios e um volume de contos — *Fel da Terra* (1958), mas sua grande obra literária está no romance, que compreende uma trilogia abordando aspectos da colonização germânica do Vale do Itajaí: *Tempo permitido* (1970), *O guarda-roupa alemão* (1975) e *Ofélia dos Navios*, só publicado após a morte (1983). Seus romances apresentam uma estrutura narrativa criteriosamente trabalhada, com manipulação estética do foco narrativo e do tempo. As personagens, sobretudo as femininas, são delineadas numa caracterização que lhes confere vida impressionante. Da atuação das personagens transparece uma intensa vitalidade e uma busca incansável da liberdade, não obstante as opressões e repressões. Um profundo humanismo e um carinho forte pelo ser humano marcam, na cosmovisão dos romances, o universo axiológico da autora, que foi sobretudo um ser humano carinhoso e compreensivo.

RICARDO HOFFMAN, formado em Direito, é técnico de assuntos culturais, tendo publicado dois romances, recebidos com aplauso pela crítica nacional: *A superfície* (1967) e *A crônica do medo* (1971), infelizmente silenciando depois. O primeiro romance é uma profunda sondagem psicológica das motivações artísticas e das frustrações dum adolescente, educado sob forte impositivismo paterno, dentro do sistema germânico. O jogo de simbologia do título é altamente expressivo. O segundo romance constitui uma incursão pelo realismo mágico, abordando faces e situações absurdas da existência, dentro de um contexto político que tolhe as liberdades. Do romance, passou a publicar em 1988 histórias para crianças: *O trenzinho fora da linha*, *O circo das plantas*, *O hotel dos bichos desamparados*, *Pequeno coração*. Aves, animais, plantas formam um universo familiar com a criança, no convívio humanizado de amor e atenção ao próximo.

MIRO MORAIS, formado em Filosofia, professor universitário na área da sociologia. Seus dois romances publicados atestam segurança e competência na técnica literária: *A coroa no reino das possibilidades* (1967) e *Cândido assassino* (1983). O romance de Miro vem marcado por fortes elementos da experiência sociológica, aprofundados em reflexão filosófica. Mas não se trata de frios romances de tese. Suas narrativas, ao contrário, centralizam a atenção no ser hu-

mano, na sua complexidade de caráter e na sua ânsia de realização pessoal, que esbarra nas convenções e massificações sociais. O primeiro romance se constitui de 20 quadros (quase contos individuais) que mantêm continuidade e organicidade, buscando reconstituir um painel existencial que contrapõe à sociedade civilizada, sofisticada, massificada e opressora, um mundo primitivo, ingênuo e simples, mas livre nas suas vivências. O segundo estrutura-se muito habilmente a partir do fluxo de consciência do narrador-protagonista que, após 20 anos cumprindo pena em presídio, durante a noite final reflete intensamente sobre seu crime e suas motivações, sobre “todas as circunstâncias aparentes que me levaram ao ato” de matar um homem. Tanto pela técnica de construção como pela densidade da mensagem estes são romances do melhor nível da ficção brasileira.

EDLA VAN STEEN, com vasta atividade no campo da editoração, Edla escreve ensaios/entrevistas sobre autores brasileiros, tem três livros de contos: *Cio* (1965), *Antes do Amanhecer* (1977) e *Até sempre* (1985) e, ainda, dois romances: *Memórias do medo* (1974) e *Corações mordidos* (1983), Primeiramente destaca-se a habilidade técnica da autora, trabalhando formalmente seus relatos, em alto nível de elaboração das técnicas narrativas: foco narrativo, temporalidade, etc. A base de conteúdo de seus romances é a complexificação da vida na grande cidade, com seus ardis, seus mistérios e suas ameaças à integridade do ser humano e à sua realização, principalmente nas relações de amor. Seus romances apresentam estrutura complexa, densos e denunciadores da situação social, e focalizam com muita frequência relacionamentos dúbios e ambíguos de personagens complexas e indevassáveis. Mas sua ficção, esteticamente elaborada, está sempre seguramente voltada para a realidade social do contexto urbano. *Corações mordidos* foi traduzido nos Estados Unidos sob o título *Village of the ghost bells* (1991: University of Texas Press).

ALMIRO CALDEIRA, formado em Direito é procurador autárquico federal. Estudioso do folclore e da história da colonização açoriana na Ilha de Santa Catarina, criou seus romances e contos predominantemente em torno dessa temática. Publicou um livro de contos — *Maré Alta* (1980), em torno dos habitantes, ocupações e costumes da Ilha. Escreveu uma série novelística em torno da colonização açoriana: *Rocamaranha* (1961), *Ao encontro da manhã* (1967), *Arca Açoriana* (1984) e agora *Uma cantiga para Jurirê* (1988).

Em 1986 apareceu um romance sobre outra temática — *A esperança, talvez*, focalizando a presença germânica na antiga Florianópolis. A ficção de Almiro traz fortes marcas histórico-folclóricas, partindo da realidade. Suas narrativas quase sempre caminham para uma solução feliz dos problemas, numa cosmovisão positiva, por vezes carregada de elementos românticos, sobretudo nos primeiros livros, tornando-se depois mais realista. Sua linguagem e estilo conservam-se cultos, com vocabulário por vezes até precioso.

HOLDEMAR MENEZES, também contista e cronista, publicou os romances: *A maçã triangular* (1981), uma narrativa fortemente ideológica, em torno das opressões e liberdades tolhidas sob regime político-militar de força, acarretando a desestruturação da personalidade, o surgimento de oportunistas, o caos e o pânico na sociedade. É romance de grande lucidez político-social e tecnicamente bem composto. Seu segundo romance — *Os residentes* (1982) — oferece um retrato francamente cínico de uma comunidade hospitalar, em que a linguagem crua devassa os caminhos naturalistas e aberrantes da insaciabilidade sexual, também levanta denúncias.

URDA ALICE KLUEGER — com rara ousadia, essa jovem de alma lírica resolveu dedicar-se à criação romanesca, tendo publicado uma seqüência de cinco narrativas longas em torno de Blumenau, sua colonização pelos imigrantes alemães e suas enchentes: *Verde vale* (1979), *As brumas dançam sobre o espelho do rio* (1982), *No tempo das tangerinas* (83), *Vem, vamos remar* (1986), *Te levanta e voa* (1988), *Blumenau, a loira cidade do sul* (1990) e *Cruzeiros do sul* (1992).

O romance de Urda revela um espírito sensível, a visão de vida duma alma feminina, lírica, sempre marcada pela ternura. Suas narrativas, embora focalizando situações difíceis e de carência de recursos, cenas dramáticas, ainda assim conservam sempre alento otimista e construtivo da existência, preservando a ternura e o calor humano como elementos essenciais para o convívio humano. Sem incorporar sofisticções estruturais, suas histórias focalizam a simplicidade natural da vida, captada com lirismo dentro de um espaço bucólico. O trágico nunca prevalece em seus romances, porque o otimismo e a vontade de vencer são sempre mais poderosos e o calor humano da solidariedade supera

todos os obstáculos. Assim, a emotividade sadia, a harmonia nos conflitos e a simplicidade natural conferem à sua criação narrativa grande atrativo popular.

AULO SANFORD VASCONCELOS, formado em Direito, a carreira na magistratura não obstaculiza sua criação romanesca, que vem crescendo. Publicou: *O homem da madrugada* (1973), *Carrossel* (s.d.), *Cavalo voa ou flutua?* (1980), *Ave, Palavra* (1985) e *Falai baixo* (1989).

Desde seu primeiro romance, em torno do herói essencialmente ambíguo Pedro de Pina, suas personagens sempre se caracterizam pelo proceder ambíguo, autênticos anti-heróis que atingem no terceiro romance definido caráter picaresco. A antroponímia já em si vem marcada pela tendência irônica e satírica. Suas narrativas não apresentam estrutura linear e contínua, mas constituem-se de um entrelaçar e entrecruzar de cenas e histórias captadas da irrelevância do dia-a-dia, unindo múltiplos fios narrativos, a partir do movimento ininterrupto da vida (um carrossel infundável).

SILVEIRA JÚNIOR, autodidata que soube fazer da vida uma aprendizagem, o autor publicou quatro romances: *Memórias de um menino pobre* (1977), sua melhor obra, trazendo uma reconstituição da infância, feita com notória perspicácia e naturalidade, captando a fineza da percepção infantil. Todos os problemas, limitações, anseios e lutas de um menino crescendo no ambiente mais rudimentar e pobre são aqui captados com fina psicologia e sem nenhuma artificialidade. O realismo e a espontaneidade recomendam essa obra essencialmente popular. A segunda narrativa — *Depois do juízo final* (1982) coloca-nos em outro universo, o da ficção-científica, antecipando o que poderá ser possivelmente o mundo futuro depois do ano 2500. Bem imaginado, a partir dos caminhos que a tendência humana vem revelando, o romance torna-se dramático e emocionante nos dados e cenas que constrói. Já *Confissões de uma filha do século* (1984) apresenta um relato autobiográfico de Irene, uma moça que, junto com outras, busca uma nova vida, vindas do interior para a cidade, servindo-se de todas as armas para conquistar seu lugar na vida. O romance revela tendência naturalista. Finalmente *Nossa guerra contra a Alemanha* (1988) focaliza alguns aspectos vividos no tempo da guerra, uma “crônica de um tempo de arbítrio”.

GLAUCO RODRIGUES CORRÊA, formado em Letras, professor universitário, já participou do Grupo Sul, mas efetivamente estreou na ficção com um livro de contos — *O caso da pasta preta e outros casos* (1977), tendo também publicado outro volume de contos: *Torre de vigia* (1987). Já em alguns contos manifestou forte tendência para a narrativa policial, que desenvolveu melhor nas novelas: *Crime na Baía Sul* (1981), *O Mistério do Fiscal dos Canos* (1983) e *Assassinato do Casal de Velhinhos* (1988), tendo publicado ainda o romance *O Rei da Floresta* (1989). Na novela policial, Glauco é um dos poucos autores autênticos do gênero no Brasil. Suas narrativas estão estruturadas dentro da técnica policlesca dos despistamentos do leitor, em busca da solução da trama. As personagens situam-se ao nível das camadas populares de uma pequena cidade litorânea (Santo Anastácio do Rioçado).

CRISTÓVÃO TEZZA, formado em Letras, professor universitário, é autor dum livro de contos: *A cidade inventada* (1980), mas vem-se impondo como romancista, de sólida técnica, centralizando-se fortemente sobre o homem, agredido e destroçado dentro da civilização urbana. Em *O terrorista lírico* (1981), sob a forma de diário de um terrorista, adensa-se um universo em que o trágico e o lírico contrapon-teiam no ambiente agônico da grande cidade; *Ensaio da Paixão* (1986), em torno de um profeta solitário que revive uma Paixão de Cristo numa ilha do sul do Brasil nos anos 70, é narrativa repleta de humor e ironia, em linguagem fluente, mas de impacto violento; em *Trapo* (1988), romance denso e naturalista em torno de Trapo, um poeta jovem, bêbado e viciado em droga, em contraste com a personalidade conservadora do professor Manuel, o estilo é duro, direto, rude, objetivando “mostrar a dignidade das pequenas coisas, tirar a grandeza das miudezas”, segundo declara o autor; já *As aventuras provisórias* (1989) é narrativa de intenso realismo no enfoque do homem em sua existencialidade cotidiana vazia, em busca de identidade e integração, num contexto sócio-político problemático. Firmou-se na linha de frente do romance brasileiro com *Juliano Pavolini* (1989) e *A suavidade do vento* (1991).

DONALDO SCHÜLLER, professor universitário e ensaísta da mais sólida consistência, já detentor duma teoria literária própria cuja raízes mergulham até a cultura grega, partiu também para a ficção, estreando com uma novela bem acolhida: *A mulher afortunada* (1981), reconstituindo, em monólogo denso e dramaticamente introspectivo, a con-

dição humana da mulher. E prosseguiu, entremeando aos ensaios teórico-analíticos, as narrativas de ficção: *O tatu* (1982); *Martim Fera* (história de cordel, 1983); *Chimarrita* (1985) e *Faustino* (1987). Radicado em Porto Alegre, incorpora muitos elementos da cultura gaúcha, mas, no aproveitamento do folclore ou na alegoria, busca mesmo restaurar as condições de vida do ser humano, numa linguagem em que a fluência coloquial está literariamente elaborada.

WILSON RIO APA, muito envolvido com o teatro do povo, em Santa Catarina, embora não sendo catarinense, Rio Apa é também ficcionista de poderosa força lírico-telúrica, na sua leve linguagem oralizada. Tanto seus contos de *No mar das vítimas* (1968), como a trilogia de romances “Os vivos e os mortos” — com *O Povo do Mar e dos Ventos Antigos* (1977) e *O Santo da Ilha na Guerra dos Rumos* (1978) são narrativas de grande magia, em que as alegorias do Mar, da Morte, da Lua e do Vento constituem as potências mágicas que estabelecem a realidade fantástica da vida dos homens.

ROBERTO GOMES, formado em Psicologia, autor de ensaios, crônicas e literatura infantil, tem um original romance: *Alegres memórias de um cadáver* (1979), narrativa de tom irônico e satírico sobre o ambiente e a “fauna” da administração universitária, focalizando com muito senso crítico os fantasmas e as múmias que assombram e desmoralizam a universidade. Na técnica de memórias, o protagonista é um “cadáver”. Escreveu também a novela *Antes que o teto desabe* (1981) e o livro de contos *Sabrina de trotoar e de tacape* (1981).

RAIMUNDO CARUSO, jornalista, poeta, tem um romance — *Buenos dias, Mr. Ludwig* (1983), escrito em discurso renovador, montagem complexa, numa técnica moderna de estrutura fragmentada. Numa visão globalizadora, não cronológica, de ironia mordaz e de sarcasmo, a narrativa devassa as intenções profundas da gloriosa revolução de 1964 e de outras revoluções militares latino-americanas.

JOÃO ALFREDO MEDEIROS VIEIRA, formado em direito e magistrado, publicou *Os Vivos e os Mortos* (1978), um livro de contos bastante marcados por forte sentimentalidade, forma simples, cosmovisão sadia; um interessante livro, espécie de crônica de viagem pelo planalto catarinense — *Diário de um Agente Itinerante* (1969) e um romance

volumoso — *O Sonho e a Glória* (1975), em torno da cidade de Brusque, seu desenvolvimento e industrialização têxtil, tudo romaneado a partir do protagonista que é um jornalista.

EVALDO PAULI — Formado em Filosofia, autor de vários livros na área filosófica, é professor universitário e também autor de três novelas: *Madrugadas de Marina* (1964), *Filhas de Tubarão* (1965) e *Blumenita* (1966) e de um romance de fundo histórico: *Desafio aos Olhos Azuis* (1979), sobre a colonização germânica na região de São Pedro de Alcântara. Sua ficção vem fortemente marcada pela tonalidade reflexiva, que trava um pouco o processo de fluência e leveza, próprios do caráter ficcional.

RUTH LAUS se projetou com um romance bem trabalhado — *Viagem ao desencontro* (1972), uma narrativa em primeira pessoa, penetrando em análise introspectiva, a partir de Juan Carlos, “simbolizando todos os desencontros que se repetem vida afora”.

APOLÔNIA GASTALDI, professora, está ingressando no reino do romance com *A Força do Berço* (1987), narrativa lírico-dramática bem construída na estratégia de investigação e desvendamento dos laços e relações das personagens em seu passado.

JOSÉ GONÇALVES, jornalista, vem-se dedicando à composição de narrativas à base de personalidades ou fatos histórico-reais ligados ao Vale do Itajaí (Indaial), numa simplicidade sem sofisticacões, destacando-se um humanismo sadio em vista de um construtivo convívio social. Publicou: *Ele sobreviveu*; *Dico, o sertanejo herói*; *O cidadão de três pátrias*; *Espelhos da alma* e *O piloto e a rainha*.

ARNO MELO SCHLICHTING, engenheiro, assume com empenho o esforço de criar romances: *Construção* (1985); *Canção de ninar* (1986) e *A filha da natureza* (1987). Seus romances exploram a temporalidade descontínua e fragmentária, as várias frentes de ação, o delineamento psicológico, o questionamento da vida e sua essência. O autor preocupa-se com a estruturação e a concepção de mundo, mas por vezes exagera no sentimentalismo e nos elementos fabulosos.

IVONETE VIANA CIRIMBELLI, com *Ato de penitência indevido* (1987), estréia bem, retratando os complexos descaminhos introspectivos da protagonista em busca do seu ser real.

JÚLIO CORSETTI MALINVERNI denota sua experiência jornalística na linguagem de regionalismo fluente da novela *O Morro do Surrão* (1985). Na paisagem serrana de Lages delineiam-se, com humano realismo, os tipos resgatados do negro escravo, do tropeiro e do caboclo.

CLÁUDIO BERSI DE SOUZA está tentando o romance: *Um beijo na tempestade* (1984) e *Uma luz na solidão* (1988). Com experiência vivida, desenvolve a linha marinheira numa estrutura simples, explorando peripécias e ingredientes românticos.

WILSON PACHECO, médico, apresenta seu romance *Os fabricantes do robot* em linguagem despreocupada e estrutura direta, atendo-se mais a cenas de relacionamento de estudantes do que a tramóias de ficção-científica.

JOSÉ ELIOMAR DA SILVA, nordestino-catarinense, reúne em *O coronel também chora* (1983) uma crônica/narrativa retratando em tom satírico-picaresco o viver do sertanejo nordestino, em torno da figura do coronel.

NEMÉSIO HEUSI, com base de pesquisador do histórico e do real, publicou uma *História romanceada de Blumenau e do seu fundador* (1981).

OSVALDO DELLA GIUSTINA, educador, em *Cícero Dias e seu longo processo de morrer* (1983) constrói narrativa partida de um fato real, invectivando o marasmo deletério da burocracia e na *Crônica de uma geração interrompida* (1985) apresenta crônica narrativa centralizada no enfoque da violência, com tonalidade moral.

WALTER ZUMBLICK: sua *Aninha do Bentão* (1980) é narrativa mais preocupada com a realidade histórica, enfocando o romance, cheio de lances dramáticos, entre Anita e José Garibaldi.

FERNANDO OSVALDO DE OLIVEIRA, com *O Jagunço* — “Um episódio da Guerra do Contestado” (1978), fornece consistente quadro histórico-social e visão médica, subjacentes ao romance de boa fluência.

RENATO BARBOSA: sua crônica narrativa de *O garoto e a cidade* (1979) reconstitui bem o ambiente da Florianópolis dos anos 20.

CÉLIO DE MORAIS estruturou bom romance alegórico — *Chico XX* (1984), remetendo a S. Francisco de Assis, revelando poderosa força imaginativa e cosmovisão humanístico-espiritualista ao salientar a força cósmica.

EGAS GODINHO (Oswaldo R. Cabral) reuniu três novelas de tom irônico-satírico em *Chuva de Pedra* (1977).

LAURITA MOURÃO reuniu memórias, elementos autobiográficos e notas de liberação sexual nos romances: *À mesa do jantar* (1979) e *Alice do 5º Diedro* (1980).

VALDEMAR MAZURANA imprimiu forte tom social e realista à sua novela de ficção científica *No Bunker* (1982).

Registrem-se ainda as narrativas romanescas de Lena Maria da Rosa: *Elos de amor* (Lages, 1988) e de Lauri Antunes de Souza: *O estranho mundo do homem grande* (Florianópolis, 1981).

6.4 — Literatura Infanto-Juvenil

A literatura infanto-juvenil vem recebendo maior atenção apenas nos últimos anos, como aliás no Brasil em geral.

LAUSIMAR LAUS, antes de consagrar-se como romancista, publicou três livros infantis: *O sonho da Candoquinha*, *Brincando no Olimpo* e *Histórias do mundo azul*.

LEO VÍTOR, nos anos 70, muito publicou em parceria com Paula Saldanha, destacando-se a série “Aventuras do Zé Lambão”, histórias cheias de vida, movimento, principalmente dirigidas aos meninos: *O tiro de sal*; *Ei, Touro!*; *A surpresa do Natal*; *O avô, o Dick e o Chico Paixão*; *O circo: I A chegada*; *II Os preparativos*. Outra série que criou foi a de “Fábulas” originais: *O macaco inventor*; *O girassol Solsol*; *O ser evoluído*; *O jacaré Eufratis* (I e II). E ainda iniciou uma série “Humor”, num sentimento vivamente desconvenicional: *O amor de mãe é...*; *O amor é...*; *O Natal é...* Infelizmente Leo Vítor foi cedo arrebatado pela morte, pondo fim à sua diversificada criação literária.

WERNER ZOTZ, professor, jornalista, publicitário, é o nome de maior destaque na literatura infantil no Estado. Publicou um romance — *Semeaduras* (1978) e vários livros infantis, alguns esgotando sucessivas edições. Suas histórias são humanas, não artificializadas e sem demagogia, trazendo uma visão lírica e de humor e ao mesmo tempo crítica da realidade, abrindo às crianças os horizontes da vida. São histórias divertidas, vivas e atraentes, mas que também conduzem à reflexão sobre os problemas do cotidiano, explorando sobretudo bem as relações entre pai e filho. Tudo

vem envolto em boa linguagem coloquial. Num primeiro momento (1967/68) publicou quatro histórias: *Ternura*; *Balão de Cor*; *Elisa e Ciranda de Barquinhos*. A partir de 1978 vem publicando com frequência: *Barco branco em mar azul*; *Apenas um curumim*; *Não-me-Toque em pé de guerra*; *Mamãe é mulher do pai*; *Rio Liberdade*; *Garnizé gabola acabou gabiru*.

MARÍA DE LOURDES RAMOS K. LOCKS é formada em Letras, Professora Universitária e contadora de histórias para o mundo infanto-juvenil. Iniciou com três pequenas histórias infantis: *O destino de Redondinho* — uma parábola da trajetória de Redondinho, de grãozinho de areia a cobiçada pérola; *Leleco e os ovos de Páscoa* — explica por que os coelhos têm a missão de levar os ovos de Páscoa (e a felicidade) às crianças; *O Natal do pastorzinho* — retrata o encontro do pastorzinho Isac com o “Menino especial”, na festa por excelência das crianças; seguiram-se os livros infantis: *Nos ombros fortes de papa*, *O gato que não sabia miar*, *Brincando de olhar estrelas* e *Ana levada da breca* — que continuam explorando a natural propensão da criança para a fantasia e desenvolvendo seu mundo mágico, ao mesmo tempo que semeiam subrepticamente um sadio fundo instrutivo-formativo. Outros livros da autora já se dirigem mais para a faixa etária juvenil: *Recordações de um agente secreto* é romance-diário do adolescente João Oscar, com trama policial bem urdida em torno de um roubo de selos antigos, unindo atmosfera de suspense com a explosão da vitalidade adolescente, tudo num salutar ambiente familiar; *Um amigo (muito) especial* — é romance juvenil que retrata bem as aspirações e necessidade de relacionamento do adolescente Lauro, ao mesmo tempo que o defronta com as limitações realistas da vida, despertando sua consciência para a sociedade marginalizada, o operário carente, a dura necessidade do trabalho diário para a subsistência, os desníveis e injustiças sociais, as discriminações e arbitrariedades; com *Dona onça da floresta*, *Uma família tão comum* e *Vovó quer namorar* a autora prossegue ambientando o adolescente no mundo real, fazendo-o confrontar-se também com as contrariedades e desilusões da existência cotidiana, mas sempre evidenciando construtivamente que o conviver humano é possível e bom.

MARTA MARTINS DA SILVA assumiu o mundo da criança na sua criação literária: *Maricota Cocota* (1984); *Semana Suada* (1986 - em parceria com Marcelo Moreira); *História sem nome ou pra quem tem macaquinhos no sótão* (1988) e *Maria Mania* (1989). Suas histórias caracterizam-se pela vitalidade e dinamismo, fazendo a criança reviver a vida das personagens. A linguagem flui com naturalidade, explorando o aspecto sonoro, contendo leve humor comunicativo, integrando-se na visualização da narrativa.

ROBERTO GOMES, contista e romancista, revela também bom domínio da psicologia da criança. Em *O menino que descobriu o sol* (1982), com senso crítico, faz a criança vivenciar o contraste com o pragmatismo soturno do contexto familiar adulto; *Terceiro tempo* (1985) é dinâmico romance juvenil em torno do futebol de rua e de pasto, repleto de ação, vida e movimento; *Carolina de nariz vermelho* (1985), na capacidade sintetizadora do texto, inicia a criança no contacto com o mundo do livro: figura-palavra.

SÉRGIO JEREMIAS DE SOUZA, universitário de 25 anos, vem escrevendo desde 1981 histórias para o mundo infanto-juvenil: *Benina-Bernunça com dor de barriga* (1985), *Meu amiguinho Drums* (1988), *Uma chama adormecida* (1988) e quatro títulos lançados na Bienal/90: *Um anjinho apaixonado*, *A bengala luminosa*, *As aventuras dos gnomos Tchulks*, *O mistério na lua de Egborn*. Seu universo povoa-se de seres fantásticos, de gnomos, ocorrendo peripécias e façanhas em cenários espaciais; mas transparece também sensível lirismo poético e perspicazes observações psicológicas. Linguagem de fluência coloquial faz a mensagem de enfoque humano-poético ultrapassar o simples fato em si.

NILSON MELO, além da vasta produção teatral, está publicando uma série de contos infantis. Infelizmente a apresentação gráfica muito densa, a ausência de melhor ilustração para despertar a visualidade prejudicam sua obra. Seus pequenos contos pretendem abrir à criança um “mundo de sonhos e fantasias”. Entre os títulos publicados estão: *Meu mundo imaginário*; *Momentos*; *Contando histórias*; *As aventuras de Boca-Doce*; *Estrelinha de cristal*; *Lições de fantasias*; *Sementinhas*; *Dez toques*; *Os vaga-lumes e Tiquinhos*.

LACY ASSUMPÇÃO, também poeta, em *Coração verde* (1979) desenvolve a história da menina que, sob o olhar afetuoso da avó, vai criando sua horta e, assim, vai-se iniciando no “mistério” da reprodução, num início de educação sexual.

EDLA VAN STEEN, contista-romancista, em *Manto de nuvem* (1984) delinea o carinho no relacionamento entre netinha e vovó de fascinante e jovem vitalidade que “refloresta” a natureza no seu apartamento em plena selva da cidade.

EGLÊ MALHEIROS, poeta e ensaísta, corporifica em *Desça, menino* (1985) a coesão e força consciente das crianças unidas na escola contra a decisão burocrática de derrubar uma estimada figueira – caracterizando a defesa ecológica e a consciência social da criança que não se deixa reduzir a simples ser manipulável pela arbitrariedade.

DEONÍSIO DA SILVA, contista-romancista, sem esquecer sua pitada de ironia, reescreve, em *Adão e Eva felizes no paraíso* (1984), a gênese bíblica, numa fábula lírica, levando a criança a redescobrir o mundo, numa original valorização dos sentidos, ressaltando a harmonia na convivência dos elementos.

MARITA DEELE SASSE faz fluir com naturalidade a informação histórico-social para atrair a imaginação infantil em *Blumenau — Sua história* (1980).

LUIZ A. MARTINS MENDES, com sua narrativa ... *E desigaram a TV* (1981), transmite mensagem ecológica sadia para as crianças aprisionadas em apartamentos, escravizadas ante a imagem impositiva do vídeo.

AUGUSTO ALBERTO NETO, professor e poeta, escreveu para crianças: *Deu mico no milharal* (1984) e *Xiii!... roubaram um pedaço da luz* (1985). Entremeando prosa e verso, o autor desperta a criança para a percepção poética da magia das coisas naturais, integrando-a com a terra e seu mundo circundante.

CRISTÓVÃO TEZZA, também contista-romancista, tem um bom livro (mais extenso) juvenil — *Gran circo das Américas*, no qual Juliano descobre-se gente e descobre a gente do povo através do circo mambembe.

MARÍLIA CRISPI DE MORAES — Professora, publicou: *As aventuras dos três primos* (1988) e *A longa viagem de Splin*. O faz-de-conta da história de fada se impõe numa fusão espontânea com o cotidiano da criança e o universo familiar, fraterno, harmonioso e construtivo, sem sofisticação, competição ou alienação.

STELA MARIA NASPOLINI escreveu *Florianópolis conta sua história para as crianças*: atraente na linguagem simples o livro coloca ao nível da criança a história de Florianópolis, sua fundação, desenvolvimento, atrações turísticas e aspectos folclóricos.

Destaque-se, ainda, na área infanto-juvenil, a agora iniciante poesia para crianças: ANAMARIA KOVÁCS, também contista, em *Sonhos de criança* (1988) explora a variação e o dinamismo da mente-fantasia-curiosidade infantis, e, respondendo à natural empatia infantil pela variação fônica, busca despertar na criança urbana de apartamento horizontes mais amplos que a façam ver o mundo da natureza; ALCIDES BUSS, sem abandonar a linguagem altamente cultivada, sobretudo ao nível fônico, própria da sua poesia para os “grandes”, une com leveza espontânea, em *A Poesia do ABC* (1989), lirismo, humor e mensagem positiva de caráter didático, introduzindo com habilidade a criança no mundo das letras e das palavras que a conduzem, prazerosamente, à convivência com o mundo real. O mundo sadio e terno da criança está nos livros de poemas: *Gotas de afeto*, de Alzemiرو Lídio Vieira e *Amor-Criança*, de Janice C. de Bittencourt Pavan.

São ainda dignas de nota e estímulo as seguintes iniciativas na área infanto-juvenil:

Em 1979 a Editora Lunardelli promoveu um concurso nacional de literatura infantil e publicou, em 1980, a poética narrativa vencedora: *Quando os anjos vieram à terra*, de Albertina Moreira Pedro.

Esta é uma estória de sentimento sadio, em que o fantástico universo dos anjos se confunde naturalmente com o mundo mágico da criança: dois anjos descem à terra “para saber de que é que as pessoas estão precisando”. Mesmo decepcionando-se porque “as praças não têm flores, as crianças não têm jardins e os animais ainda trabalham para o homem”, a sucessão de episódios conclui com positiva constatação de que “a terra tem coisas bonitas...”

Em 1981 a Universidade Federal de Santa Catarina, em conjunto com a Fundação Catarinense de Cultura, promoveu o concurso “Escreva uma história”, entre alunos da 4ª à 8ª séries do 1º grau, a nível estadual, tendo publicado uma antologia: *Histórias de crianças para crianças* (1982), com a seleção das trinta melhores histórias.

A LADESC promoveu um “concurso de histórias para a infância catarinense”, do qual resultou a publicação dum álbum: *Coleção Pró-Criança-84, selecionando os vinte melhores dentre mais de mil concorrentes, livretos bem impressos e ilustrados*: *A baleia da praia da Armação*, de Gladys M.G. Teive; *A floresta do rima tudo*, de Luiz de Freitas; *A laranja bailarina*, de Roseli Scutel; *A lenda do peixe boi*, de Fábio Brüggemann e Danuza Meneghello; *A mais fabulosa confeitaria do mundo*, de Ana Rita dos Santos Lopes; *A minhoquinha dançarina*, de Sinclair da Silva; *A palavra mágica*, de Sílvia Brum; *As traquinagens da tainha Troc*, de Eduardo Saavedra; *Benina-Bernunça com dor de barriga*, de Sérgio J. de Souza; *Doutor Barbado, o rei da lagoa*, de Paulo J. da Silva; *gugu da barriga verde*, de Ana Lice Brancher; *Kinkim o pingüim*, de Carla Calazans; *Mino, o passarinho do sino*, de Sérgio José Meuer; *O amiguinho círculo*, de Ana Janete Pedri de Andrade Lopes; *O chapéu e a chapela*, de Anne G. Levinsky e Sílvia Karina Coral; *O pingo de chuva*, de Paulo R.A. Machado; *O Pintalho*, de Neide M.S.M. Areco; *Pituca*, de Edith K. Poltronieri; *Um dia na vida do sol*, de Irene Ritzmann Husmann; *Uma sociedade interessante*, de Vera Maria Silvestri Cruz.

A Prefeitura, o Centro Cultural e as escolas de Ipumirim estão incentivando a criatividade das crianças escolares com o projeto “Biblioteca do pequeno leitor”, tendo já publicado vários livretos na área infantil: *O coelho preguiçoso* (1987), de Vani Terezinha Locatelli; *Cuidado, cidade* (1987), de Simone Luíza Baldissarelli; *Floresta* (1987), de Elton Valdemar Stalbaum; *Caroline e o amor à natureza* (1988), de Eliane Terezinha Gabiatti; *O gato mimoso* (1988), de Mirna Nézia Romani e *A galinha e a abelha*, de Lauri José Siebeneichler. Desenvolvendo criatividade, senso ético-comunitário e respeito à ecologia, o projeto cultural merece estímulo.

6.5 — A Crônica

A crônica literária é modalidade moderna brasileira, que registra facetas de acontecimentos e reflexões pessoais. Sem preocupar-se com a estrita verdade dos fatos, resulta mais duma visão pessoal, da captação das sugestões subjetivas do fato, do comentário ao mesmo e da sua ressonância espontânea sobre o sentimento do cronista, despertando seu interesse e imaginação. A habilidade do cronista consiste sobretudo em captar e resgatar do transitório cotidiano aqueles elementos ou aspectos que possam manter algum valor humano-social permanente.

Na linha do transitório variável, a crônica nunca foi forte entre nós, talvez mesmo por depender essencialmente do veículo jornalístico e este não lhe ter reservado grande espaço. No século passado, já Horácio Nunes Pires cultivou com freqüência a crônica. Na primeira metade do nosso século, os cronistas mais destacados são: Francisco Barreiros Filho, Altino Flores e Oswaldo Rodrigues Cabral (Egas Godinho).

Na década de 60, em Itajaí, Raquel Liberato Meyer publicou um bom livro: *Uma menina de Itajaí* (1961). Em Florianópolis destacou-se o jornalista-radialista Adolfo Ziggelli, cujas crônicas reunidas em *As soluções finais* (1968) comentam com ironia e humor descontraído fatos políticos, administrativos e sociais, no calor do momento, num registro perspicaz do fato que a grande história não conta, mas que marca a vida. Seguem-lhe Paulo da Costa Ramos (*O Jôquei da Paz*, 1971) e Sérgio da Costa Ramos (*Os civis precisam voltar aos quartéis*, 1987), ocupando-se largamente da crônica jornalística, atentos aos fatos.

ABELARDO SOUZA, personalidade harmoniosa e calma, buscou preservar a pessoa humana e a ecologia, numa crônica que resgata o passado saudoso da Florianópolis mais antiga, nos livros: *O Mestre-escola viaja no tempo* (1978), *Painéis* (1982), e *Um líder na rota do cronista*. Sua crônica é simples, humana.

HOLDEMAR MENEZES, contista e romancista, praticou a crônica, reunindo boa parte nos livros: *O barco naufragado* (1976) e *A vida vivida* (1983), em que a observação do cotidiano se entrelaça com reflexões sobre o sentido dos acontecimentos ou o regsta de matéria de memória.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO, um dos nossos melhores contistas, é também aquele que mais persistente e ativamente pratica a crônica nos últimos anos. Além de sua presença quase diária no jornal, editou três volumes de crônicas: *Água do pote* (1982), *Beco da lamparina* (1987) e *Tiroteio depois do filme* (1989). Sua crônica ora resgata da memória lembranças marcantes do passado saudosos, ora ressalta aspectos e gestos dentre os acontecimentos do nosso cotidiano corriqueiro que a nossa civilização des-sensibilizada já não mais percebe — personagens típicos, encontros, decisões político-administrativas, fatos sociais, etc. Se na crônica não cabem profundidades filosófico-analíticas, Flávio sabe sempre envolvê-la em nota leve de humor ou de ironia, na fluência oralizada de sua linguagem.

HAMILTON ALVES identifica-se perfeitamente com o gênero cronístico. Estreou em 1973 com *O velho e a aldeia*, ainda mais novela, seguindo-se: *A mosca azul* (1985); *O grampo de ouro* (1986) e *Barco da noite* (1988). O autor sabe captar no cotidiano corriqueiro aquele lampejo de detalhe pitoresco que toca a sensibilidade humana, percebendo os fatos e as pessoas fora da moldura rotineira, registrando momentos humanos na sua solidão ou nos seus diálogos, encontros e desencontros. Revela habilidade na descrição de cenários e paisagens, de acentuado bucolismo, e na criação de ambiências surpreendentes. Lirismo poético mas realista harmoniza-se com sentimentos de saudade e nostalgia.

JÚLIO DE QUEIROZ, poeta, também marca presença freqüente em jornais e editou um volume de crônicas: *Umas, passageiras; outras, crônicas* (1976), em que o cotidiano, o político-social e o místico se interfundem.

RAUL CALDAS FILHO, bacharel em Direito, tem dois livros publicados: *Delirante Desterro* (1980) e *O jogo infinito* (1984). Misto de narrativa e comentário lírico-pessoal sobre flagrantismos da terra e do cotidiano, tipos e costumes político-sociais-burocráticos, seus textos apresentam leveza e fluência de linguagem, tom de humor, graça e ironia.

DANTE MARTORANO, com *Temas catarinenses* (1982), cria sobretudo uma crônica de fundo histórico-social, ligado ao planalto catarinense, com suas personalidades políticas, fatos e riquezas, num tom por vezes laudatório e ufanístico.

CARLOS ADAUTO VIEIRA (Charles d'Olénger), advogado, é escritor prolífico de histórias curtas, num misto de crônica, com presença constante em jornal. Publicou os livros: *Aos Domingos* e *Europa sem programa* (1973), este de crônica de viagem.

Prestaram também sua contribuição à crônica literária, entre outros: o crítico e ensaísta NEREU CORRÊA, com *Perfis e retratos em vários tons* (1986) e *No tempo da calça curta* (1988); o historiador CARLOS DA COSTA PEREIRA, com *Riscos e traços* (1978); o colunista social LÁZARO BARTOLOMEU, com *O outro lado da vida* (1982); o historiador JOSÉ BEÇA, de Laguna, retratando *Gente da minha terra* (1988); a itajaiense ROSA DE LOURDES VIEIRA DA SILVA, com *Almas de seda* (1980), além de escritores destacados de outros gêneros, como J. P. Silveira de Souza. Adolfo Boos Jr. e Jair Francisco Hamms.

6.6 — O Ensaio Crítico

As áreas da crítica e do ensaio literários nunca foram muito cultivadas entre nós. Por isso, ainda existem poucos estudos sistemáticos e praticamente nenhum verdadeira história da produção literária de Santa Catarina.

Deve-se lembrar que, no passado, Altino Flores desenvolveu constante atividade (e polêmica) crítica. Arnaldo S. Thiago compendiou a primeira *História da Literatura Catarinense* (1957), num volumoso conjunto de dados e informações sobre inúmeros escritores das mais diversas áreas, ainda pouco submetidos ao crivo crítico. E Osvaldo Ferreira de Melo publicou uma boa *Introdução à História da Literatura Catarinense* (1957) principalmente com boa análise dos autores que iniciaram a nossa literatura, durante o século passado. Ainda Pedro Albeirice tem dado sua contribuição, ao publicar em 1982 uma síntese de dados e autores, no livro intitulado simplesmente *Literatura Catarinense* e agora em 1988 publica *Exercícios de Literatura Catarinense*.

NEREU CORRÊA é o nome que mais se destaca nesta área. A seriedade, o senso de equilíbrio e de segurança, a vasta cultura e a sobriedade responsável sempre pautaram sua maneira de analisar e avaliar os trabalhos dos nossos escritores. Sem precipitações nem partidarismos, serenamente foi ele emitindo, durante décadas, seus juízos avaliatórios, sempre muito respeitados. Com aguçada sensibilidade de leitor e autêntica liberdade metodológica, ajuíza com sóbrio equilíbrio e elabora seus ensaios numa linguagem elegante e harmoniosa. Sua contribuição é decisiva para melhor conhecimento e compreensão da nossa literatura. Seus livros mais diretamente ligados aos estudos literários são: *Temas do nosso tempo* (1953), *O canto do Cisne Negro e outros estudos* (1964), *Cassiano Ricardo – o prosador e o poeta* (1970), *A palavra* (uma introdução ao estudo da oratória, 1971), *Paulo Setúbal em Santa Catarina* (1978), *A tapeçaria lingüística d’Os Sertões e outros estudos* (1978), *Poemas escolhidos de Luiz Delfino* (organização e introdução, 1982), e ainda outros livros, como: *Democracia, Educação e Liberdade* (1964) e *Retrato em vários tons* (1985).

IAPONAN SOARES é outro estudioso constante da literatura de Santa Catarina, um colecionador de obras raras, pesquisador preocupado em resgatar e preservar a memória literária do Estado. Sua principal contribuição prestou-a na organização da antologia sistematizada do *Panorama do conto catarinense* (1971), ao lado do qual constam trabalhos como *Marcelino Antônio Dutra — Um aspecto formativo da literatura catarinense* (1970), a edição de *A Poesia de Oscar Rosas* (1972), e uma série de estudos de carter histórico-analítico *Ao redor de Cruz e Sousa* (1988).

Paralelamente, Iaponan vem há algum tempo cultivando o conto, tendo publicado os fascículos: *Três narrativas da insônia* (1977), *Sete golpes de ponta* (1984) e *Narrativas do real e do imaginário* (1989). Sua narrativa é curta, densa e habilmente estruturada.

Celestino Sachet e Iaponam Soares organizaram em 1989 a coletânea de textos *Presença da Literatura Catarinense*.

CELESTINO SACHET também há muitos anos vem coletando e sistematizando dados sobre a evolução da nossa literatura, entendendo-a sempre em sentido bastante amplo e lato, a ponto de englobar o ensaio histórico, sociológico, filosófico, etc. Organizou uma *Antologia de autores*

catarinenses (1969), analisou *As transformações estético-culturais dos anos 20 em Santa Catarina* e sistematizou dados sobre autores e obras em *A literatura de Santa Catarina* (1979).

ENÉAS ATHANÁZIO é principalmente contista, mas acompanha com muito carinho a produção literária do Estado, divulgando-a, e editou com frequência ensaios de historiografia literária, trazendo sua contribuição aos estudos literários brasileiros, com os livros: *3 Dimensões de Lobato; Codofredo Rangel; O Mulato de Todos os Santos, Figuras e Lugares; A página do tempo; Falando de Gilberto Amado; Presença de Inojosa, Meu Amigo Hélio Bruma e O perto e o longe* (1990).

ANTÔNIO HOHLFELDT pesquisou e analisou a produção literária contemporânea, trazendo a público até o momento apenas um dos seus estudos: *A literatura catarinense em busca da identidade: o conto* (1985).

JANETE GASPAR MACHADO — Pós-graduada em Literatura Brasileira, publicou um livro sobre *A Literatura em Santa Catarina* (1986), no qual empreende com critério, embora em síntese, um bom inventário da produção literária nas áreas do conto, novela, romance e poesia, evidenciando a crescente identidade literária e cultural do Estado.

ZAHIDÉ L. MUZART — Professora universitária, vem-se dedicando sobretudo ao resgate de autores desconhecidos da nossa literatura, destacando a presença feminina, tendo publicado vários trabalhos em periódicos e um substancial ensaio-prefácio à edição em livro de *A Massambu*, de Duarte P. Schutel.

SALIM MIGUEL, contista e romancista, tem militado na imprensa crítica e editou em livro uma coletânea de análises — *O castelo de Frankenstein* (1986). Sua atividade crítica não se prende muito à produção catarinense, estando mais ligada à literatura hispano-americana e brasileira em geral.

LINDOLF BELL, poeta e crítico de artes plásticas também tem freqüentemente comentado a produção literária catarinense, sobretudo a dos poetas.

O mestre do Simbolismo, Cruz e Sousa, mereceu, entre nós, alguns ensaios monográficos, que contribuem para o conhecimento do seu drama existencial e sua potência lírica, destacando-se, entre outros menores: *O nosso Cruz e Sousa* (1961), de Henrique da Silva Fontes (que também divulgou um bom estudo, com antologia, sobre *Lacerda Coutinho* — 1943); *Cruz e Sousa: poeta e pensador* (1974), do pensador-ficcionista Evaldo Pauli; a professora universitária Maria Helena Camargo Régis analisou agudamente *Linguagem e versificação em Broquéis* (1976) e Iaponan Soares reuniu estudos sobre aspectos da vida e da obra do Cisne Negro em *Ao redor de Cruz e Sousa* (1988).

Ao poeta Luiz Delfino, além de uma antologia de *Poemas escolhidos* (1982), com seleção e introdução de Nereu Corrêa, foi dedicada uma substancial biografia, por Ubiratan Machado: *A vida de Luiz Delfino* (1984), com título de capa: *O senador Luiz Delfino, sua vida e sua obra*.

A literatura em língua alemã também teve alta expressão em nosso Estado, sobretudo em Blumenau, onde, além de jornais, publicaram-se poemas e romances na língua de Goethe. O melhor estudo sobre o assunto encontra-se na dissertação de Mestrado em Letras, defendida na UFRJ em 1979, por Valburga Huber, sob o título de *Saudade x Esperança*, infelizmente ainda inédita em livro. O trabalho analisa “o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura”, demonstrando amplamente como floresceu, em língua alemã, uma relevante produção literária na região de Blumenau, destacando-se romancistas e contistas, sobretudo mulheres, avultando os nomes de: Gertrud Gross-Hering, Emma Deeke, Thereze Stutzer, Ani Brunner, além de Georg Knoll, Rudolf Damm, Victor Schleiff, entre outros. Essa literatura em língua alemã aparece também no ensaio *A lírica alemã no Brasil*, de Marion Fleischer, publicado no Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, nº 311, 1967. Sob o aspecto histórico e ideológico, Giralda Seyferth trouxe valiosa contribuição, sobretudo na tese *Nacionalismo e identidade étnica* (1981).

O Círculo de Arte Moderna, mais conhecido sob a denominação de Grupo Sul, o maior movimento cultural do Estado, que implantou a estética modernista em Santa Catarina, nas décadas de 1940 e 1950, mereceu dois estudos monográficos específicos, ambos publicados em 1982: *Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina*, de Lina Leal Sabino e Aníbal Nunes Pires e *o Grupo Sul*, de Lauro Junkes.

Constituem também contribuições para o estudo da realidade literária catarinense, entre outros, os seguintes livros: *Santos Lostada* (1971), de Gustavo Neves; *Catari-nensismos* (1974), de Theobaldo Costa Jamundá, que também, em colaboração com Jali Meirinho, publicou: *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina* (s.d.); *Lindolf Bell e a catequese poética* (1978), por Maria Joanna Tonczak; *Traços da vida da poetisa Júlia da Costa* (1982), de Carlos da Costa Pereira, além de muitas dissertações de Mestrado, defendidas na UFSC, monografias sobre diversos autores catarinenses.

Embora nem sempre apresentem o caráter de ensaio e a feição crítica, constituem sensíveis contribuições para o conhecimento do panorama literário de Santa Catarina as diversificadas antologias publicadas ao longo dos anos, destacando-se como fundamentais:

Contistas novos de Santa Catarina - organização de Osvaldo Ferreira de Melo e Salim Miguel, 1952;

Antologia de autores catarinense - org. Celestino Sachet, 1969;

Panorama do conto catarinense - org. Iaponan Soares, 1971;

Antologia do Vale do Iguaçu - org. Francisco Filipak e Nelson A. Sicuro, 1976;

Assim escrevem os catarinenses (contos) - org. Emanuel Medeiros Vieira, 1976;

Outros catarinenses escrevem assim (poemas) - org. Olde-mar Olsen Jr., 1979;

Contistas de Blumenau - org. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1979;

Contistas de Blumenau-2 - org. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1980;
Poetas de Blumenau - org. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982;
Poetas e contistas de Blumenau - org. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989;
Os contos da FURB - org. Oldemar Olsen Jr., 1979;
Os contos premiados da FURB - org. Oldemar Olsen Jr., 1986;
Presença da Poesia em Santa Catarina - org. Lauro Junkes, 1979;
Contistas e cronistas catarinense - org. Editora Lunardelli, 1979;
21 dedos de prosa (contos) - org. Associação Catarinense de Escritores, 1980;
Este mar catarina (contos) - org. Flávio J. Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza, 1983;
Este humor catarina (contos) - org. Flávio J. Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza, 1985;
Poesia sertaneja (1º Concurso nacional) - org. Celestino Sachet, 1984;
Presença da Literatura Catarinense - org. Celestino Sachet e Iaponan Soares, 1989.

A Fundação Catarinense de Cultura, através da Assessoria de Letras, está organizando e editando a “Coleção Escritores Catarinenses”, fascículos monográficos com biobibliografia, avaliação crítica e textos selecionados de escritores. A coleção abrange duas séries. Na “Série Hoje”, dedicada a autores atuais, já foram publicados: Flávio José Cardozo (conto-crônica), Lindolf Bell (poesia), Alcides Buss (poesia), Enéas Athanázio (conto). A “Série Resgate” já revalorizou os escritores do passado: Virgílio Várzea, (narrativa), Luíz Delfino (poesia) e Horácio Nunes Pires (teatro-narrativa-poesia).

Leitor participante:

A literatura é feita para você e por você.

Quer escreva, quer leia você participa, decisivamente, do processo literário, que não existe sem você.

E como a literatura, também este livro está sempre em processo, em formação. Se você tiver alguma contribuição, correção ou ampliação, ajude a construir, envie-as para o autor:

Rua Romualdo de Barros, 251 - Trindade
88.040 - Florianópolis - SC

Impresso na Imprensa Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina
em Agosto de 1992
Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

"Que um livro de âmbito regional pode ter interesse muito mais amplo é o que nos mostra uma antologia como **Presença da Poesia em Santa Catarina**, de Lauro Junkes", que "escapa aos defeitos que comumente invalidam as suas congêneres (...) Não sendo definitiva, como obra nenhuma do gênero aliás pode ser, **Presença da Poesia** é, de longe, a melhor antologia regional publicada nos últimos tempos, como decorrência do incremento dos estudos literários em nível universitário".

Mário Pontes - **Jornal do Brasil** / Livro, 13/05/80

"A vossa crítica, porém, é eminentemente analítica e interpretativa. E, ao lado da análise e interpretação do texto, sabeis enriquecê-la com juízos de valor, conceitos estéticos e comentários marginais que transcendem a simples dissecação dos elementos compositivos da obra literária. Entre o analista e o texto reservais um espaço para a intuição e a sensibilidade do crítico..." Nereu Corrêa - **Revista Signo** nº 15, 1983, p. 254 - Do discurso para recepção de Lauro Junkes na Academia Catarinense de Letras.

"O professor Lauro Junkes é um desses raros "aparentados do filho de *la Mancha*"; uma voz quase solitária que vestindo destemidamente o burel de crítico tem produzido pelas colunas de nossos jornais análises importantes sobre livros e autores catarinenses (...) Pela abrangência de seus temas e pelo panorama que logra alcançar, **O Mito e o Rito** é obra que responde muito pela ausência de uma história crítica das letras catarinenses. E dentro desse enfoque é livro de utilidade permanente, por si só capaz de assegurar a destacada contribuição de Lauro Junkes no engrandecimento e permanência de nossa literatura".

Iaponan Soares - **Diário Catarinense**, 10/02/88

"A obra de Lauro Junkes, cujo desenvolvimento acompanho quase do início, é da maior importância para as letras catarinenses. Se é verdade que antes dele outros críticos se entregaram à interpretação das produções de nossos autores, também é certo que nenhum deles o fez de maneira tão persistente e sistemática (...) Parece que sem o seu comentário, estampado nas páginas dos jornais, uma estréia não se consuma, uma nova obra não se integra à coletividade bibliográfica da lavra catarinense". Suas centenas de artigos, "ainda que escritos com rigorosa técnica e sem desprezar a beleza formal, não são impenetráveis nem pretendem exibir eruditismos dispensáveis. Imbuído de apurada consciência profissional, exercita a atividade crítica como quem abre caminhos ao leitor".

Enéas Athanázio - **Tribuna da Fronteira**, 14/11/87

